



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO ACADÊMICO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

MARTHA MAURÍCIO NUNES

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS QUE IDENTIFICAM E FAZEM A CIDADE DE AREIA
PATRIMÔNIO CULTURAL

CAMPINA GRANDE – PB

2009

MARTHA MAURÍCIO NUNES

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS QUE IDENTIFICAM E FAZEM A CIDADE DE AREIA
PATRIMÔNIO CULTURAL**

CAMPINA GRANDE – PB

2009

MARTHA MAURÍCIO NUNES

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS QUE IDENTIFICAM E FAZEM A CIDADE DE AREIA
PATRIMÔNIO CULTURAL**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof^a. Rosilene Dias Montenegro

CAMPINA GRANDE – PB

2009

MARTHA MAURÍCIO NUNES

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS QUE IDENTIFICAM E FAZEM A CIDADE DE AREIA
PATRIMÔNIO CULTURAL**

Aprovado em: -----/-----/-----

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Rosilene Dias Montenegro

Orientador

Prof.^a José Benjamim Montenegro

Examinador

Prof.^a Regina Coelli Nascimento

Examinadora



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

Aos meus pais que tanto me apoiaram nesse momento tão difícil, dedicando a sua atenção e dando subsídios para que eu alcance o objetivo desejado, que dividiram comigo todos os melhores momentos da minha vida, transmitindo-me decisão e coragem diante dos momentos difíceis dessa e de outras jornadas. A vocês, minha gratidão e meus sinceros agradecimentos.

Aos meus irmãos, em especial Célia, que esteve presente em toda a minha caminhada, dando apoio e segurança para que todo esse trabalho seja concluído com maior clareza e precisão.

A todos que me apoiaram direto e indiretamente na conclusão do mesmo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vossa grandiosidade, pela força e coragem que me proporcionou durante todos esses anos.

Aos meus pais, Egidio Maurício dos Santos e Maria José Nunes dos Santos, pela dedicação e amor que eles sempre me dedicaram.

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram nos momentos mais difíceis sempre me dando força para que eu não fraquejasse.

A minha irmã Célia, que sempre esteve à frente em toda a minha jornada, me apoiando e revendo comigo todos os textos necessários para a realização deste trabalho, pela sua paciência e dedicação.

A minha orientadora, Dr. Rosilene Dias Montenegro, pela disponibilidade, compreensão, paciência e sabedoria a mim dedicada.

Aos mestres, do curso de História, pela dignidade e competência que conduziram este curso, contribuindo para nossa formação profissional e pessoal, nossa grande gratidão e admiração.

Ao Dr. Fábio Gutemberg (IN Memoriam), o meu profundo respeito e agradecimento e eternas saudades.

À banca, o meu respeito e admiração a Dr. Regina Coelli Nascimento e José Benjamim Montenegro a quem admiro pela capacidade e competência em desenvolver seu trabalho junto ao ensino e à produção histórica acadêmica.

Aos meus colegas da turma, pela amizade construída ao longo do curso.

“O sábio não se aflige por não ser conhecido dos homens; ele aflige-se por não conhecê-los.”

(Confúcio)

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo a análise de aspectos relacionados ao sentimento de identidade cultural da história da cidade de Areia, localizada no brejo paraibano. A pesquisa para a análise proposta ocorre a partir da história oral, utilizando-se de entrevistas a pessoas naturais e/ou habitantes dessa cidade, buscando perceber o que esses indivíduos conhecem e ressaltam de sua própria história, de seu reconhecimento como patrimônio histórico e a necessidade de sua preservação. Num primeiro momento, procura discutir os conceitos de cultura, memória e identidade, essenciais para o desenvolvimento de estudos que tratam do tema identidade cultural. Em seguida, faz-se um breve levantamento histórico da cidade e os principais motivos que a fizeram serem reconhecida como patrimônio histórico. Num terceiro momento, ocorre a análise das entrevistas relacionando-as com os conceitos abordados.

Palavras-chave: Areia, identidade, patrimônio cultural.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| | |
| CAPÍTULO I | |
| 1. AREIA – PATRIMÔNIO HISTÓRICO: CONCEITOS E VALORES..... | 12 |
| | |
| CAPÍTULO II | |
| 2. DO SERTÃO DE BRUXAXÁ A CIDADE DE AREIA: UMA HISTÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS..... | 18 |
| | |
| CAPÍTULO III | |
| 3. REGISTROS DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DE AREIA..... | 30 |
| 3.1. Entrevistas..... | 35 |
| 3.2. Análise das entrevistas..... | 48 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 56 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 59 |

INTRODUÇÃO

O objetivo desse estudo é conhecer a memória dos habitantes da cidade de Areia, localizada no brejo paraibano. A metodologia escolhida para esse fim é a história oral, na tentativa de detectar o que eles sabem a respeito de sua própria história e como eles vêem a questão da cidade fazer parte do patrimônio histórico brasileiro e se eles têm consciência da necessidade de sua preservação.

Esse estudo será apresentado em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado: *Areia – Patrimônio Histórico: Conceitos e Valores serão* feitos uma breve discussão relacionando aos conceitos de cultura, memória e identidade, essenciais aos estudos do tema identidade cultural, ao ponto de partida do trabalho, que é o resgate histórico da vida da cidade. No segundo capítulo, *Do Sertão de Bruxaxá a Cidade de Areia: Uma História de Lutas e Conquistas será*, abordado uma leitura histórica da cidade, e o destaque a ela dado dentro do cenário sócio-cultural da história paraibana. No terceiro capítulo, *Registros da História e Memória de Areia* serão feitas às análises das entrevistas realizadas no decorrer do trabalho e suas respectivas reflexões em relação aos conceitos estudados.

Para a realização desse estudo foram feitas diversas leituras com teóricos que tratam da questão da memória, bem como da história oral, relacionando-a com a história dos moradores da cidade que se preocupam e procuram resgatar através da memória os fatos acontecidos que engrandeceram a cidade em décadas passadas e que só ficaram na lembrança.

A discussão sobre os conceitos de cultura nos permite ver de que forma a história de um lugar é valorizada por seus moradores e a importância de sua preservação. Muitas vezes, permitimos que nossos maiores bens sejam destruídos, até mesmo aqueles que são testemunhos insubstituíveis da História. Para que esses bens sejam cuidados e preservados é fundamental que se tenha conhecimento e informação sobre sua importância.

Partindo da denominação Areia – “*capital da Cultura*” - torna-se imprescindível discutir o conceito de cultura tão empregado em estudos que se referem a fatos históricos. Essa denominação é um reconhecimento da sua relevância cultural desde épocas remotas, assim manteve a força que até hoje permanece na produção dos seus artistas, escritores e nos grupos de teatro, de música, de artesanato e da cultura popular, bem como na gastronomia que se caracteriza pela tecnologia de fabrico da cachaça e da rapadura, que enriquece o universo dos modos de fazer, das formas de expressão, das celebrações e dos lugares e edificações. Além de apresentar grande diversidade de bens culturais marcantes da identidade regional.

Faz-se necessário, assim, entender o conceito de identidade de uma forma mais abrangente passando pelo conceito de memória, cultura e outros temas relevantes que levam a construção da identidade, para assim chegarmos à identidade e cultura local.

Já a memória é um elemento essencial nesse estudo, porque se preocupa em “salvar o passado para servir o presente e o futuro”, o que pode ser observado através dos depoimentos das pessoas da cidade.

Cidades antigas como Areia despertam interesses pela sua importância sócio-política cultural na história paraibana, levando ao seu reconhecimento como Patrimônio Nacional, que se deu na cidade do Rio de Janeiro no dia 11 de agosto de 2005, pelo Conselho Consultivo do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Por isso, torna-se de fundamental importância conhecer a história sócio-cultural da cidade de Areia para traçarmos metas de preservação e conservação da identidade e costumes locais.

CAPÍTULO I

1. AREIA- PATRIMÔNIO HISTÓRICO: CONCEITOS E VALORES



Vista aérea da cidade de Areia. Acervo: Rogério Maurício - 2004

A preocupação inicial desse estudo é analisar os diferentes significados de cultura, patrimônio e preservação cultural de uma cidade que têm seus valores e costumes locais guardados na memória dos que fazem a sua própria história. Partindo dessa proposta metodológica revisaremos os textos escritos sobre a cidade de Areia na tentativa de resgatar através da memória a cultura dessa cidade.

Além de ser conhecida como a terra das lutas populares e liberais do século XIX, e terra dos engenhos de rapadura e açúcar, Areia assume, no contexto da história da Paraíba, o papel de terra da cultura. Tudo começa com a sua arquitetura centenária, tombada como patrimônio histórico: o belíssimo casario colonial que se esparrama por suas ruas e vielas estreitas, palco de tantas lutas e festas; a igreja do Rosário, uma das primeiras a serem construídas no interior da Paraíba; o Colégio Santa Rita; o Teatro Minerva que já fez às vezes de cinema, de salão de conferências e abrigou e continua a abrigar inúmeras outras atividades culturais na cidade. A lista se estenderia bem mais, pois são inúmeros os monumentos arquitetônicos de importância histórica em Areia.

A cultura areense é muito rica, assim como seu patrimônio histórico e não poderíamos falar em cultura, patrimônio e preservação histórica, sem antes definir o conceito de identidade, pois é através dela que buscamos as nossas origens.

Segundo o antropólogo e historiador Arantes (2004), cultura é um amplo sistema de códigos, que contém elementos da identidade de um povo. Assim, o patrimônio arquitetônico de um lugar demonstra os traços culturais da comunidade, onde se encontra inserido. Não podemos falar em cultura, patrimônio e preservação histórico-cultural. Sem antes definir o conceito de identidade, pois é através dela que buscamos as nossas origens. Desse modo podemos definir identidade cultural como o conjunto de crenças, valores e modos de agir e pensar de um grupo social ou sociedade. Todas as sociedades, por mais simples que seja sua organização, possui uma cultura. Quando uma criança nasce, ela já é automaticamente inserida em algum contexto cultural, assim, quando crescer ela assumirá a identidade cultural do meio em que vive.

O sociólogo Ferreira (1993) diz que, segundo Tylor, famoso antropólogo, a cultura é o resultado de várias manifestações da atividade humana. Há uma classificação que divide os elementos culturais em materiais e não-materiais. As manifestações materiais seriam os artefatos concretos feitos pelo homem (machado, o computador, um quadro etc.). Já as manifestações não-materiais englobariam os significados, os juízos morais e as normas de comportamento, como, por exemplo, o ditado “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”, a visão da morte, a concepção sobre a honestidade etc. Porém não devemos esquecer que muitos elementos materiais da cultura são apenas a materialização de certas idéias. Assim, por exemplo, uma máquina só corporifica as ideais científicas e tecnológicas; um quadro (elemento material) só tem existência na medida em que expressa uma idéia (elemento não-material) que existia antecipadamente na mente do pintor. Há outros elementos que são puramente não-materiais, como as idéias de Deus, de felicidade e de justiça. (FERREIRA, 1993, p.44)

Desse modo, cultura é a expressão da identidade do povo. Portanto, é através da comunicação, que o homem divide seus semelhantes sua visão de mundo, suas experiências, suas descobertas. Este conjunto de criações, que passa de geração em geração, chama-se cultura.

A questão da identidade hoje, se tornou um assunto bastante comentado e discutido em todos os âmbitos de nossa sociedade, principalmente nos setores acadêmicos. O desenfreado crescimento dos setores urbanos e rurais fez com que as tradições e os costumes fossem esquecidos e substituídos por valores e ideologias do mundo moderno.

Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo. Esse conceito de Castells é reforçado nas palavras de Calhoun, ambos sociólogos:

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida... O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade, de modos específicos, pelos outros. (CASTELLS, 2002, p. 22)

Para Castells, (2002, p.22), no que diz respeito a atores sociais, a identidade é um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. Isso porque é necessário estabelecer a distinção entre a identidade e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis, e conjuntos de papéis. Identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individualização.

Ele enfatiza bem a importância da identidade como fonte de significado no seguinte trecho:

As identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização. Contudo, identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individualização que envolve. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. Defino significado como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator. (CASTELLS, 2002, p. 23).

De acordo com Hall (2006), antropólogo, a questão da identidade está relacionada ao caráter da mudança na modernidade tardia; em particular, ao processo de mudança conhecido como “globalização” e seu impacto sobre a identidade cultural. Em essência, o argumento é que a mudança na modernidade tardia tem um caráter muito específico.

O homem da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Mas uma mudança estrutural está fragmentando o deslocando as identidades, etnia, raça e nacionalidade. Se antes estas identidades eram sólidas localizações, nas quais os indivíduos se encaixam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocaram no indivíduo uma crise de identidade. (HALL, 2006, p. 59)

Segundo o antropólogo Stuart Hall:

A identidade é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nos há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (...). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 1999.p.13).

A partir dessa definição podemos perceber que a construção identitária é um processo heterogêneo, ou seja, cada pessoa terá particularidades que não o tornará igual a outro indivíduo. Inicialmente devemos considerar que o sujeito não vive isolado, e o meio social, através dos mais variados processo acaba construindo uma identidade cultural.

Em se tratando da cidade de Areia, podemos perceber que existem no nosso cotidiano vários vínculos com o passado. Eles são percebidos nos casarios, nos monumentos, nos costumes, nos engenhos, nas danças, nas suas ruas singulares, nas suas belíssimas paisagens, no seu passado histórico entre outros. Podemos afirmar que o seu tempo presente está ligado ao passado.

A memória é um fator de extrema importância para o conhecimento do passado. Com ela podemos fazer a história oral, através do relato das pessoas sobre os acontecimentos que vivenciaram. Por intermédio dela se preservam certas informações do passado, que são atualizadas no presente. Podemos expressar as nossas lembranças de diversas maneiras. Através de um poema, uma letra, uma música, um depoimento (por meio de entrevistas gravadas em fita cassete ou vídeo, fotografias) que pode reproduzir uma determinada época. E foi através da memória das pessoas do lugar que buscamos identificar traços que caracterizam Areia como patrimônio histórico.

A História é a ação das pessoas que ocorre num determinado tempo e espaço. Portanto, não basta sabermos o que aconteceu, é preciso saber quando e onde determinado fato ocorreu. Também a História se refere à produção do conhecimento sobre o passado. (MARIN, 2005, p. 24).

A memória constitui um fator de relevância dentro dos estudos com história oral. O historiador Halbwachs (2004) ao falar de memória, afirma que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças sejam constituídas no interior de um grupo. A origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”. Vejamos:

“Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível” (HALBWACHS, 2004, p. 41)

Para além da formação da memória, Halbwachs aponta que as lembranças podem, a partir desta vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. A lembrança, “é uma imagem engajada em outras imagens”, ou ainda, a memória individual não está isolada. Frequentemente, tomam como referência pontos externos ao sujeito.

A vivência em vários grupos desde a infância estaria na base da formação de uma memória autobiográfica, pessoal.

Também importante neste processo, assinala Halbwachs, são as percepções acrescentadas pela memória histórica:

“os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo” (HALBWACHS, 2004, p.71).

Segundo o sociólogo Halbwachs, a memória histórica é compreendida como a sucessão de acontecimentos marcantes na história de um país. O próprio termo “memória histórica” desta forma seria uma tentativa de aglutinar questões opostas, mas para entender em que sentido a História se opõe à Memória, para Halbwachs, é preciso que se atenha à concepção de História por ele empregada.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.

[...] A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1996, pp. 476-477).

Também podemos conhecer o passado por meio das fontes orais, como as histórias que os mais velhos nos contam, desse modo podemos perceber o quanto a memória é valiosa para o conhecimento do passado. Através dela podemos fazer a história oral, usando como instrumento o relato e o depoimento das pessoas sobre os acontecimentos que vivenciaram. No estudo em questão, foi utilizado esse conceito porque se ajustou exatamente ao tipo de metodologia utilizada (as entrevistas), e por intermédio dos moradores do lugar se preservam

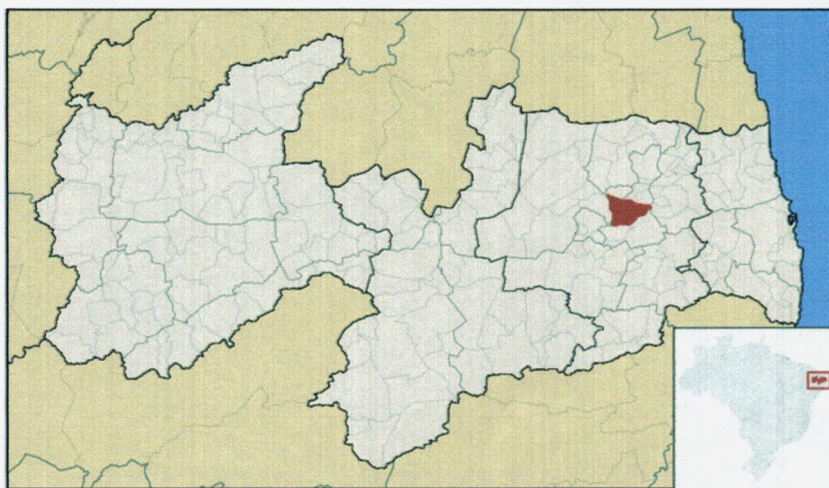
certas informações do passado, que serão utilizadas no presente. Portanto a lembrança é um componente essencial desse resgate histórico.

Como podemos perceber o contexto social não foi capaz de apagar neste sujeito aquilo que ele chamou de essência. Isso se processa através da memória. “A memória não separa o passado do presente, uma vez que o primeiro contém o segundo, que vai atualizando fatos da história e da vida”. (MACHADO, 2006.p.86).

CAPÍTULO II

2. DO SERTÃO DE BRUXAXÁ A CIDADE DE AREIA: UMA HISTÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS

Em Areia, o traçado marcado pela morfologia das serras e encostas, os lotes, edificações e espaços livres definidos pelas relações desses com o entorno, assim como as manifestações culturais do seu povo, festas típicas, folclore, crenças, saberes e modos de fazer – são sua identidade, seus atrativos e seus aspectos diferenciadores das demais cidades históricas.



Localização da cidade de Areia. Acervo: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Areia está situada na região do brejo paraibano a 120 km da capital João Pessoa, a 40 km de Campina grande e a mais ou menos 200 km de Natal e Recife, no topo da Serra da Borborema, numa altitude de 618m acima do nível do mar. Com uma população de 26.231 habitantes (censo 2006), sua bela paisagem natural é valorizada pelas ruas que acompanham a topografia acidentada do terreno, possibilitando vários pontos de visada nas encostas da serra. Areia se caracteriza pelo relevo acidentado, com encostas e vales de vegetação expressiva, com destaque para o Parque Estadual Mata do Pau Ferro, reserva natural de 600 hectares de mata de brejo (Mata Atlântica), que lhe proporciona um clima de ameno pra frio em alguns períodos do ano. Nos meses de junho a agosto tem temperaturas em torno de 15°. Com muitas riquezas naturais, situada em local elevado, Areia, no inverno, é coberta por uma leve neblina, e suas terras possuem diversas fontes e balneários aquáticos

A evolução de Areia, sua fundação, a autonomia municipal na condição de vila e seu apogeu como cidade está intimamente ligada à história política, econômica e cultural da Parayba Imperial. Seus primórdios, perdidos nas brumas do passado, refletem os problemas e as carências dos tempos da capitania e depois província da Parayba do Norte, entre a segunda metade do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX. (GAUDÊNCIO, 2007, p.157)

No processo de povoação do interior da Paraíba, nos idos de 1625, uma expedição comandada por Manuel Rodrigues chega a região brejeira, dando início à organização de um povoado. Em 1700, Pedro Bruxaxá, instala uma estribaria onde começou a surgir uma cidade. Areia se originou como ponto de parada e abrigo aos tropeiros que vinham do sertão em direção ao litoral para a comercialização dos seus produtos. Suas ruas abrigam edificações que mantêm, em sua grande maioria, as características da época em que foram construídas.

O povoado que, mais tarde, viria a se tornar a cidade de Areia, também teve a sua origem relacionada ao trânsito de pessoas e animais do interior para o litoral e vice-versa. Em meados do século XVII, a área era conhecida como “Sertão dos Bruxaxás” (em 1760 é assim que aparece nas primeiras Cartas de Sesmarias) que, na língua dos índios cariris, significava “Terra Onde Canta a Cigarra”. Com o tempo, entretanto, devido a um riacho que possuía bancos de areia muito brancas, o povoado passou a ser chamado de Brejo d'Areia, já que o lugarejo fica na Microrregião do Brejo Paraibano, região da Paraíba não muito longe do litoral, que recebe os úmidos ventos alísios vindos do Atlântico e possui uma cobertura vegetal de floresta atlântica, hoje em dia reduzida a manchas. Por isso, também chamada de Zona da Mata. (FIÚZA, et al, 1998, p. 45).

Ainda naquele século, por volta de 1770, já aparecia nos documentos oficiais da Capitania como “Brejo de Areia”. Em pouco tempo, atraídos pelo movimento, chegaram àqueles que viriam a ser os primeiros habitantes da povoação de “Brejo de Areia”:

O sítio, onde mais tarde surgiu a cidade de Areia, tinha apenas um curral à margem da estrada para recolhimento do gado que vinha do sertão, com destino aos mercados do litoral. Ao redor desse curral, começou a nascer o povoado. As primeiras casas seriam, a rigor, mocambos de sapé ou palha de pindoba, como de resto as construções de seu tempo. (ALMEIDA, 1980, p. 11)

Em 1815 passa a ser Vila Real do Brejo de Areia e em 18 de maio de 1846 é elevada a categoria de cidade.

Enfim, estava criada a Vila Real de Areia, a oitava da Parayba do Norte, denominação que se dava na época ao atual estado da Paraíba. Depois, de ganhar autonomia municipal, do território da nova vila passavam a fazer parte as povoações da atual Alagoa Grande, Bananeiras, Guarabira, Pilões, Cuité e Pedra Lavrada. (GAUDÊNCIO, 2007, p. 154)

A projeção política e cultural que caracterizou Areia sempre esteve diretamente associada ao apogeu dos ciclos econômicos do município. Passando pelo algodão, café, sisal e pela pecuária, foi, no entanto, a cana-de-açúcar que, como uma cultura intermitente, imprimiu alma ao lugar, com suas histórias, suas relações de trabalho, sua ambiência e seus espaços perfumados pelo aroma adocicado do cozimento do seu caldo e mantém ainda muitos engenhos em pleno funcionamento. Motivada por essa dinâmica, a cidade sedia um dos mais importantes eventos na área: o festival Brasileiro da Cachaça e da Rapadura. Como referência dessa marcante cultura foi criado em Areia o Museu da Rapadura, que se propunha na sua concepção inicial de museu vivo, não somente apresentar a memória do tema, mas recuperar o funcionamento típico de um engenho de cana-de-açúcar.

A data da Emancipação Política do Município é de 18 de maio de 1846. Entre as datas importantes está o dia 03 de maio de 1888 quando todos os escravos do município foram libertados através de uma campanha encetada pelo Abolicionista areense “Manoel da Silva e o poeta Rodolfo Pires” (ALMEIDA, 1980, p.214)

Muitas atividades artísticas de bandas de música, bibliotecas e jornais, assim como, a construção do Teatro Minerva (fundado como Theatro Recreio Dramático, obra de iniciativa particular em 1859, o mais antigo da Paraíba), ocorreram a partir da segunda metade do século XIX, época marcada pelo desenvolvimento da economia da rapadura. (ALMEIDA, 1980)

Areia também é conhecida como um importante pólo cultural e tal fato podem ser comprovados também pelos *Festivais de Arte* que agitaram a cidade a partir de 1976 até a década passada. Transformando a terra dos índios Bruxaxás “da grande nação Cariri”, num palco de encontro e comunhão: do homem com a arte, do homem com o homem.

No seu calendário de eventos culturais se destacam: FESTIVAL DA CACHAÇA E DA RAPADURA, que está em sua 12ª edição em 2008, conhecido hoje, como o “BREGAREIA”. Desde 1994, o município de Areia realiza esse evento, que tem como principal objetivo realizar cursos e palestras, com autoridades de todo país debatendo os problemas e soluções para crises dos engenhos de cana – de - açúcar e rapadura com produtos do Estado e de várias partes do Brasil, com cursos, palestras, oficinas, gincanas e outras

atrações como: apresentação de diversos artistas a nível local e nacional e barracas que divulgam os produtos dos engenhos, principalmente a famosa cachaça da terra, com fabricantes de cada engenho; o FESTIVAL DE ARTES que teve a sua primeira edição em 1976 e durante alguns anos foi proibido. Participaram da primeira edição do Festival de Artes de Areia (1976) Ariano Suassuna, Dias Gomes, Ferreira Gullar, Paulo Pontes, João Ubaldo Ribeiro, dentre outros nomes consagrados. Tem o patrocínio da UNESCO, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Programa MONUMENTA, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Ministério da Cultura e Governo Federal, ocorrendo em 2008 sua XI edição.

Uma de suas riquezas culturais, o Museu de Pedro Américo (Casa de Pedro Américo), possui inúmeras réplicas dos quadros do mais célebre cidadão areiense - entre elas a famosa obra "O Grito do Ipiranga", encomendada a ele por Dom Pedro II, Museu da Rapadura, localizado dentro do Campus da UFPB na cidade, onde o turista pode observar as várias etapas da fabricação dessa iguaria e dos outros derivados da cana-de-açúcar, como a cachaça, sendo a areiense muito conhecida exteriormente por seu incomparável sabor.

Areia foi considerada por muito tempo como "Terra da Cultura" tendo seu teatro - o "Theatro Minerva" - sido edificado 30 anos antes que o da capital do Estado da Paraíba. Para aquela cidade hospitaleira, de invernos rigorosos, convergiam estudantes de todo o Nordeste, sendo expoentes deste tempo a Escola de Agronomia do Nordeste, o Colégio Santa Rita (Irmãs Franciscanas, alemães) e o Colégio Estadual de Areia (antigo Ginásio Coelho Lisboa). Seus filhos se destacavam em todos os concursos de que participavam. Carminha Sousa e Laura Gouveia eram reconhecidas pela capacidade de educar e formar pessoas na língua portuguesa.

Areia destacou-se como vanguarda dos movimentos sócio-políticos, econômicos e culturais do Estado, desde os momentos iniciais da sua formação, a exemplo de sua participação, no século XIX, na Confederação do Equador (1824), Rebelião Praieira (1848), Quebra Quilos (1874) e como pioneira nas lutas abolicionistas, sendo a primeira cidade da Paraíba a libertar seus escravos. Essas posições de relevância histórica fortaleceram e também marcaram a importância política e cultural da cidade no século XIX.

Afastando-nos no tempo, até a primeira metade do século XX, recuperamos a imagem da cidade de Areia com seus sobrados coloniais, trazendo portadas com cercadura em relevo nos dois pavimentos, que ostentavam na maioria das vezes balcão em ferro.



Conjunto arquitetônico do centro histórico. Acervo: Rogério Maurício - 2009

Atualmente observando o centro histórico, pode-se notar no arruamento o mesmo traçado desde a colonização. A cidade se consolidou no topo da serra onde acomodou seu centro urbano, ao derredor dos vales profundos cobertos por densa vegetação.

As fachadas do casario mantêm as linhas coloniais, como portadas em arco romano, cercaduras em relevo e cornijas, posteriormente arrematadas pelas platibandas que escondem o telhado. A tipologia das fachadas misturando estilos e motivos próprios da arquitetura tradicional da época, ainda conserva elementos importantes que marcam a identidade arquitetônica da cidade. Marcando a paisagem, as matas dialogam e interagem com a arquitetura histórica, definindo um conjunto de extrema riqueza na percepção visual. O núcleo histórico inicial da cidade se desenvolveu dentro de um conceito urbano muito próprio das cidades tradicionais brasileiras, onde a maioria das unidades do casario se apresenta germinada, sem afastamento laterais, preservando os quintais extensos com plantio de árvores frutíferas. As portas e janelas das fachadas vão obedecendo a um ritmo harmônico, arrematado por cornijas e platibandas. As coberturas de telha cerâmica com cumeeira paralela à fachada complementam as características que lhe imprimem excepcional valor ao conjunto edificado. (MIRANDA, 2007, p.19)

Inúmeros escritores já ressaltaram a beleza dessa cidade, a exemplo de Horácio de Almeida, em seu livro Brejo de Areia, onde descreve sua exuberante vegetação:

(...) exuberante vegetação cobria a terra feroz. A mata verde, de árvores gigantescas, na virgindade de seus bosques, dominava pelos encantos dos morros até o alto das quebradas, enquanto lá embaixo, nas várzeas do massapé, entre foz perenes de água corrente, os partidos de cana completavam o fundo da paisagem... (ALMEIDA, 1980, p.15)

Horácio ainda se refere a sua cidade natal de forma sedutora e carinhosa:

Cidade de beleza voluptuária, encarapitada num dos contrafortes da Borborema, conserva ainda a fisionomia altiva e bizarra com que ostentou no passado a exuberância de sua força criadora. Aqui e acolá, como a quebrar a monotonia do casario vilarejo, um sobrado de aspecto senhorial, já desfigurado de tantas reformas sem mais os azulejos da fachada, sem as asas de andorinha nos ângulos do telhado e as bocas de jacaré no alto da cornija, lembrança dos tempos longínquos da opulência. (ALMEIDA, 1980, pp.200 - 201).

Areia também se destaca pelos monumentos históricos e pelo significado que esses têm para os seus habitantes e para aqueles que buscam sua preservação e resgate cultural.

- TEATRO MINERVA (primeira casa no gênero construída na Paraíba em 1859)



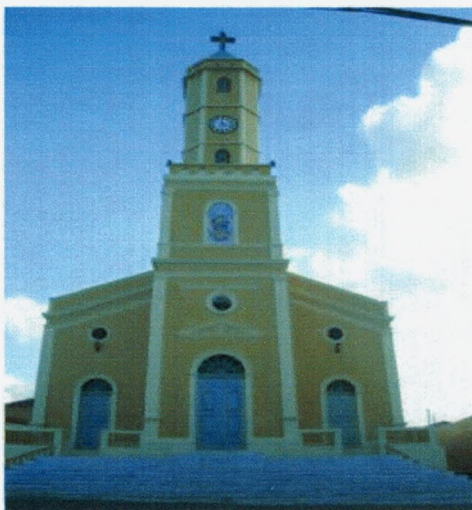
Acervo pessoal (2002)

- CASA PEDRO AMÉRICO (local onde nasceu o pintor imperial, Pedro Américo de Figueiredo e Melo, em 1843).



Acervo: Rogério Maurício - 2008

- IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (a terceira construída no local, em 1902).



Acervo pessoal – 2006

- IGREJA DO ROSÁRIO DOS PRETOS (a mais antiga da cidade, construída em 1886, por escravos).



Acervo: Rogério Maurício – 2009

- SOBRADO JOSÉ RUFINO (primeiro construído na Vila, em 1818, possui senzala interna).



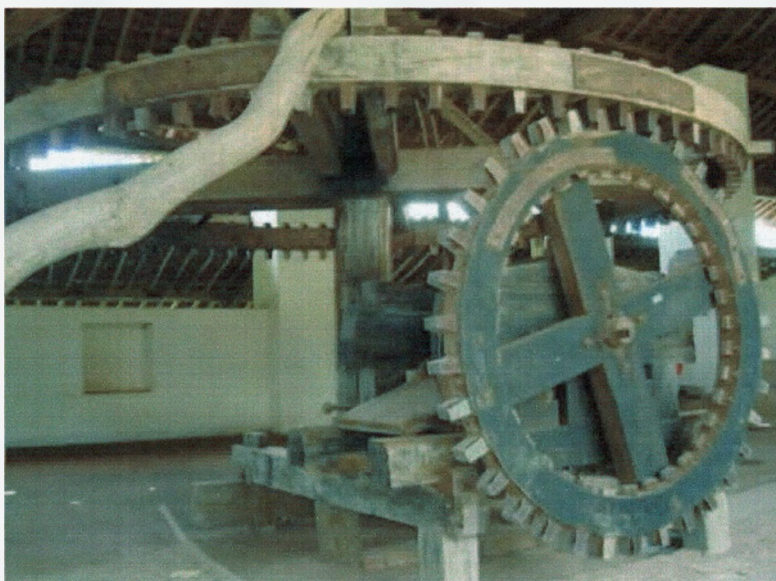
Acervo: Rogério Maurício – 2009

- COLÉGIO SANTA RITA (construído em 1910, pelo Vigário Cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque).



Fachada do Colégio Santa Rita Acervo Rogério Maurício - 2009

- MUSEU DA RAPADURA (único no gênero no país. Guarda a história canavieira e industrial de Areia e região).



Acervo pessoal – 2006

Constituindo expressiva referência histórica, arquitetônica e paisagística, valores que traduzem a identidade e a diversidade cultural do povo brasileiro, ao redor o título de Patrimônio Cultural Nacional, Areia passou a integrar o seleto grupo de Cidades e Conjuntos Urbanos a serem legalmente protegidos e preservados para as futuras gerações. O reconhecimento da Cidade de Areia não só se justifica pela peculiaridade de sua implantação em sintonia com a rica ambiência, pela conservação de seu traçado, pela preservação do conjunto arquitetônico e imagem urbana, mas também pela sua história, pelas tradições culturais marcantes, pelas personalidades artísticas e políticas brilhantes, bem como valor ambiental do seu entorno.

O diferencial de Areia além de estar demonstrando no casario, em cada rua, beco ou quintal, que se estende permitindo a visão do verde intenso das serras e vales, símbolo maior da cidade, encontra-se na aura que se impõe possivelmente pelo ar poético e envolvente da cidade, que se inspira na cultura desde a criação do seu teatro, das movimentações artísticas lideradas pela obra de Pedro Américo, e pela produção literária nas vertentes da poética, romance e memória histórica, de Aurélio de Figueiredo e de José Américo e Horácio de Almeida, até os movimentos culturais efervescentes dos festivais de inverno e nos dias atuais.

Há de se compreender que o tombamento da cidade como patrimônio nacional chancela o desejo de proteger e preservar todas essas suas riquezas históricas, arquitetônicas,

paisagísticas e culturais, e ao mesmo tempo, orientar o seu desenvolvimento e crescimento, respeitando as marcas do passado, tão importantes para a sua identidade de Cidade Histórica.

Segundo o IPHAN, O tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermediário da aplicação de legislação específica bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. Esses bens, na condição de tombados, ficam sob a proteção legal do Estado.

Para Barreto (2000), determinar o que deve ser preservado é uma decisão político-ideológica. Nessa, devem estar refletidos os valores e as opiniões da comunidade, envolvendo os elementos que devem ser tidos como representativos de uma determinada sociedade. A esfera política necessita manter diálogo constante com a comunidade, para que, juntos, possam decidir o que deve se preservado ou não dos bens culturais da cidade.

Para se discutir a noção de patrimônio, se utilizou a definição de Nestor Canclini (1984, p.95) onde ele afirma que o patrimônio não inclui apenas a herança de cada povo, as expressões “mortas” de sua cultura, mas também os bens culturais visíveis e invisíveis,” o que sugere “um patrimônio que expressa a solidariedade que une os que compartilham um conjunto de bens e práticas que os identifica, mas também costuma ser um lugar de cumplicidade social” (idem, p.97). Conseqüentemente, está noção mais dinâmica de patrimônio se associa ao conceito de cultura, onde está inclui hábitos, costumes, tradições, crença, e um acervo de realizações materiais e imateriais.

Canclini (1998) coloca que os bens culturais de uma nação devem ser preservados e restaurados:

Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis – preservá-lo, restaurá-lo, difundi-lo – são a base mais secreta da simulação social que nos mantém juntos. [...] A perenidade desses bens leva a imaginar que seu valor é inquestionável e torna-os fontes do consenso coletivo, para além das divisões entre classes, etnias e grupos que cindem a sociedade e diferenciam os modos de apropriar-se do patrimônio (CANCLINI, 1998, p. 160).

Segundo o IPHAN (2007), o patrimônio cultural reflete pluralidade e diversidade das culturas formadoras da sociedade brasileira. É marco referencial da trajetória empreendida por índios, africanos, europeus e asiáticos, ao longo dos séculos em solo brasileiro. Dessa forma, a cidade vem produzindo sua cultura – modo de ser e fazer, com valores próprios e diferenciados das demais sociedades de outras cidades brasileiras, merecendo ter bens e

valores culturais que devem ser preservados. Esse patrimônio cultural pertence a todos os habitantes da cidade, trata-se de um bem cuja preservação é interesse coletivo. Para garantir que o interesse coletivo prevaleça sobre o individual, o poder público utiliza seu principal instrumento jurídico, o tombamento. Esse instrumento coloca sob a tutela os bens culturais a serem preservados, não sendo permitida a sua demolição ou descaracterização.

A Constituição Federal de 1988 estabelece a descentralização administrativa no campo da preservação e estabelece a competência comum da União, Estado e Municípios na proteção do patrimônio cultural brasileiro. Dispõe em seu artigo 216§ 1º: “o poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamentos e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação”. Como se vê a comunidade, em colaboração com o Poder Público, deve exercer o papel de guardião de seu patrimônio cultural. (IPHAN, 2007, p. 30).

Areia conta com alguns órgãos que cuidam da preservação da cidade, entre eles:

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), hoje vinculado ao Ministério da Cultura, foi criado em 13 de janeiro de 1937 pela Lei nº 78, no governo de Getúlio Vargas. Em Areia, o IPHAN tem sua sede no sobrado José Rufino, situado na Praça Pedro Américo, centro da cidade. O *MONUMENTA* é um programa estratégico do Ministério da Cultura. Seu conceito é inovador e procura conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social. Ele atua em cidades históricas protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Sua proposta é de agir de forma integrada em cada um desses locais, promovendo obras de restauração e recuperação dos bens tombados e edificações localizadas nas áreas de projeto. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAED) tem por finalidade proteger e preservar os bens culturais, artísticos e históricos no âmbito estadual. Esse órgão funciona em parceria com o IPHAN em Areia. O Ponto de Cultura, com vários projetos entre eles: AMAR (Associação dos Amigos de Areia), Projeto Viva o Museu, Caminhos do Frio, cuja finalidade principal é o fomento as ações de valorização do patrimônio cultural da cidade de Areia. As ações iniciais do Ponto de Cultura estarão voltadas para implementar as atividades nos museus existentes na cidade: Museu Casa de Pedro Américo, Museu do Brejo Paraibano (Museu da Rapadura) e o Museu Regional de Areia.

Enfim, na história do município de Areia, a cultura sempre esteve em evidência, na poesia, na literatura, nas artes plásticas, no cinema e na história. Areia foi sem dúvida, o município paraibano que contribuiu com a mais expressiva sucessão de valores humanos que enobrecem o passado e o presente do Estado.

Entre os filhos mais ilustres podem ser citados: José Américo de Almeida (criador da Universidade de Agronomia do Nordeste – CCA Paraíba, escritor, poeta e deputado), Pedro Américo de Figueiredo e Melo (pintor e escritor), Horácio de Almeida (historiador), Manoel da Silva (farmacêutico e abolicionista), Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques (1º bispo e 1º Arcebispo da Arquidiocese da Paraíba), Álvaro Lopes Machado (senador), Dr. José Evaristo da Cruz Gouveia, elemento de grande destaque e influência em Areia, como médico e como político, entre outros.

CAPÍTULO III

3. REGISTROS DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DE AREIA

Tendo em vista a necessidade de conhecer, preservar e resgatar a história e memória da cidade de Areia, bem como o seu patrimônio histórico, foram realizadas entrevistas com cidadãos areienses de diferentes faixas etárias, profissões e níveis de escolaridade, com o objetivo de saber, em diversas óticas, até que ponto há uma consciência acerca da preservação do seu patrimônio histórico e o que os mesmos fazem em relação ao resgate cultural de sua cidade.

A entrevista é um recurso utilizado por algumas áreas de conhecimento das chamadas ciências humanas. A Sociologia e Antropologia, por exemplo, utilizam-se com bastante frequência desse recurso. No tocante a História, a utilização de entrevistas é um recurso da metodologia chamada de história oral.

A História Oral vai ganhar nova força, a partir da década de 60, com o aparecimento dos gravadores cassetes, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá, e com Paul Thompson, na Inglaterra. Sobre este aspecto, THOMPSON (1992) afirma que a valorização da História Oral deu-se após a II Guerra Mundial, quando houve ascensão de grupos ou classes para merecerem uma história escrita. Através dessa, foi possível retornar ao povo a sua contribuição na formação da história e democratizá-la. Com a utilização da História Oral, ocorreu a conquista de espaços que possibilitaram uma reflexão em relação ao presente-passado e também, complementar dados documentais da história até então analisada. Além disso, é possível resgatar a vida cotidiana mantida na memória. Assim, para THOMPSON (1992) a História Oral constitui-se na reunião da evidência oral e da reminiscência presente na história e na cultura do povo. A História Oral, desse modo, torna-se construção em torno de pessoas que podem ser líderes de seus grupos ou classes, mas também podem ser desconhecidas da maioria.

No Brasil, a História Oral foi introduzida nos anos 70, com a criação, na Fundação Getúlio Vargas (FGV), de um programa de História Oral, que tinha como objetivo obter depoimentos de líderes políticos que atuaram a partir da década de 20. Assim, o caminho da construção da História Oral no Brasil passa pelas experiências acumuladas pela Fundação Getúlio Vargas.

Foi somente a partir dos anos 90 que a História Oral passou a ter maior dimensão no Brasil, o que aconteceu em vista da realização de inúmeros seminários e cursos que procuraram discutir este tema e também através de intercâmbios com pesquisadores do exterior. Um marco dos anos 90, no âmbito da História Oral no Brasil é a constituição da Associação Brasileira de História Oral, que congrega pesquisadores especializados nesta temática.

Esta trajetória da História Oral no Brasil não é diferente do caminho percorrido pela História Oral em outros países: sempre foi um caminho difícil, encontrando vários obstáculos para serem suplantados, como por exemplo, a acolhida entre os pesquisadores e a comunidade acadêmica, que muitas vezes se posicionaram desfavoravelmente à História Oral.

MEIHY (1996, p.23) comenta este aspecto:

"Entre nós a história oral tardou muito a se desenvolver em função de dois fatores primordiais: a falta de tradições institucionais não-acadêmicas que se empenhassem em desenvolver projetos registradores das histórias locais e a ausência de vínculos universitários com os localismos e a cultura popular. Além disso, compromissos internos a cada disciplina universitária, como a sociologia e a antropologia, ficaram marcados muito fortemente, impossibilitando o diálogo entre os campos que tratavam de depoimentos, testemunhos e entrevistas. Quando a história oral, recentemente, despontou como opção no Brasil, mostrou-se suscetível de ser filtrada pela universidade e nela apenas quando as fronteiras disciplinares perderam seus exclusivismos, já sob a luz do debate multidisciplinar, é que se iniciaram discussões sobre o avanço da história oral."

A História Oral é, essencialmente, o registro da memória viva, embora etérea, de uma comunidade, de uma família, de uma pessoa. É esta sua natureza que lhe confere o fascínio e a singularidade. Porque efêmeros são os gestos, as expressões, as inflexões da fala, os sentimentos, ou seja, as linguagens do corpo e da alma, na altura em que se usam e se trocam dentro de um sistema de relações sociais e culturais. A sua força vem da sua subjetividade, e o seu poder da autenticidade do narrador. A História Oral é o registro da transmissão do conhecimento, feita através da sutileza da língua falada.

A História Oral registra a memória viva, emoções e sentimentos de pessoas das mais diversas origens sócio-culturais. Muitas destas memórias são chamadas de subterrâneas, porque ficam à margem da história oficial. Através deste esforço de pesquisa e da constante utilização de registros de depoimentos, a História Oral constrói uma imagem do passado muito mais abrangente e dinâmica.

Na metodologia da história oral, Thompson (1922) afirma que os historiadores que se utilizam desse recurso podem escolher exatamente a quem devem entrevistar e a respeito do que perguntar.

Segundo THOMPSON (1992), procurar a evidência oral é tão antigo como a própria história, e quem pretende escrever uma história mais humana e original deve levar em consideração que faz parte deste ofício coletar dados obtidos através de fontes orais. A História Oral, para este autor, é construída em torno de observações e memórias de pessoas, em confronto com os documentos existentes, pois, *"em casos importantes ela (a vida) pode ser utilizada para transmitir a história de toda uma classe ou comunidade, ou transforma-se num fio condutor ao redor do qual se reconstrua uma série extremamente complexa de eventos"*.

Os autores que defendem a História Oral como metodologia dizem que como toda metodologia ela apenas estabelece e ordena os procedimentos de trabalho funcionando como uma ponte entre a teoria e a prática. FERREIRA & AMADO (1996, p.16) partidárias dessa postura, afirmam que:

"Esse é o terreno da história oral - o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas".

Para THOMPSON (1992, p.254) entrevistar exige habilidade, destacando, no entanto, que há diferentes tipos de entrevistas, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o sentido mais formal e controlado de perguntar, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade do método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade.

Segundo MEIHY (1996, p.55) ainda que muitas pessoas confundam o ato da entrevista com a História Oral, ela deve ser vista como uma das etapas do projeto de História Oral. Para este autor a entrevista possui três etapas: a pré-entrevista, a entrevista e a pós-entrevista. MEIHY) aponta vantagens e desvantagens com a realização de entrevistas em profundidade:

"De qualquer maneira, deve ficar claro que o narrador, de um dia para o outro, pode elaborar suas versões e assim perder a naturalidade, construindo versões distanciadas das primeiras. Da mesma forma é comum ocorrer situações em que na segunda entrevista o narrador queira mudar aspectos dados no encontro anterior." (MEIHY (1996, p. 56).

A caracterização mais corrente de memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimentos e experiências. A memória aparece, então, como algo concreto, definido, cuja participação e acabamento foram realizados no passado e que cumpre apenas o papel de transportar tudo para o presente.

Segundo afirma ROUSSO (in FERREIRA & AMADO, 1996, p. 94) a memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. A memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, "coletiva", como sugere Maurice Halbwachs (1877-1945). Ou ainda, conforme o historiador Henry Rousso, "seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao "tempo que muda", as rupturas são o destino de toda vida humana; em suma ela constitui-eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros". (ROUSSO, 1998. PP.94-95)

A memória enquanto processo subordinado à dinâmica social desautoriza, seja a idéia de construção do passado, seja a de almojarifado desse passado. A elaboração da memória se dá no presente, é do presente e para responder as solicitações feitas no presente que a rememoração recebe incentivos, tanto quanto for as condições para se efetivar.

No estudo em pauta, foram realizadas entrevistas com cidadãos areenses de diferentes faixas etárias, profissões e níveis de escolaridade, com o objetivo de saber, em diversas óticas, até que ponto há uma consciência acerca da preservação do seu patrimônio histórico, se eles conhecem sua própria história e o que os mesmos fazem em relação ao resgate cultural de sua cidade.

Quanto ao uso das entrevistas, Duarte (2004) afirma que, embora não haja obrigatoriedade do uso de entrevistas em pesquisa qualitativa, ela ainda é muito requisitada. Pesquisas com uso de entrevista envolvem necessariamente seres humanos.

Segundo o psicólogo MANZINI (2004) existem três tipos de entrevistas: Estruturada, semi-estruturada e não-estruturada. Entende-se por entrevista estruturada aquela que contem perguntas fechadas, semelhantes a formulários, sem apresentar flexibilidade; semi-estruturada, a direcionada por um roteiro previamente elaborado, composto geralmente

por questões abertas; não-estruturada aquela que oferece ampla liberdade na formulação de perguntas e na intervenção da fala do entrevistado.

Um dos modelos mais utilizado é o da entrevista semi-estruturada, guiada pelo roteiro de questões, o qual permite uma organização flexível e ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado. É indicado o uso de gravador na realização de entrevistas para que seja ampliado o poder de registro e captação de elementos de comunicação de extrema importância, pausas de reflexão, dúvidas ou entonação da voz, aprimorando a compreensão da narrativa.

No total, foram realizadas 12 entrevistas, onde apenas duas foram gravadas de forma não-estruturada (entrevistas 7 e 9); as outras entrevistas foram feitas com base no tipo de entrevista semi-estruturada, em que os entrevistados falaram livremente sobre a questão: *COMO CIDADÃO, QUAL SUA VISÃO SOBRE A CIDADE DE AREIA?*, sendo que nesse caso, as respostas foram redigidas pelos entrevistados e posteriormente entregues para a transcrição e análise.

As entrevistas 1, 2, 11, são de professores; a 8 e 10, são de domésticas; a 9 é de uma funcionária pública, além de terem sido feitas entrevistas com os responsáveis pelas secretarias da Educação (entrevista 5) e de Turismo (entrevista 6) e com a funcionária da Casa Pedro Américo (entrevista 4).

A finalidade das entrevistas com funcionários da Prefeitura Municipal foi para perceber até que ponto, essa instituição colabora de alguma forma com a preservação da cidade, bem como com a história e divulgação de seu município.

3.1. ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 - Maria de Jesus de Souza, 30 anos, professora do ensino fundamental.

Como cidadã, como você vê a cidade de Areia?

Como cidadã vejo a cidade de Areia bastante histórica, e isto é motivo de orgulho em saber que a cidade hoje é reconhecida nacionalmente como a terra da cultura. A cada ano que passa Areia é visitada por turistas e artistas de várias localidades do Brasil, isso é muito importante para nos areienses. A visão que eu tenho sobre a cidade de Areia, é que ela é uma cidade hospitaleira, onde todos se sentem à vontade, com o clima agradável, cheia de pontos atrativos e pessoas ilustres que ainda hoje dão continuidade aos grandes eventos tradicionais da cidade histórica.

Percebe-se nessa entrevista, um reconhecimento de que Areia tem uma importância histórica e isso faz com que as pessoas se orgulhem desse fato. Vê Areia como ponto turístico, pois tem lugares interessantes que fazem com que as pessoas a visitem, devido a hospitalidade de seus habitantes. Mas não cita a questão do tombamento, nem de seus filhos ilustres.

ENTREVISTA 2 - Maria de Lourdes Duarte Galzerano, 68 anos, professora de 1º grau e 2º grau aposentada do Magistério.

Como cidadã como a senhora vê a cidade de Areia?

De um lado muito impressionante no que diz respeito a sua esplendorosa paisagem, a sua belíssima situação geográfica; de outro lado nos chama atenção pelo colorido dos seus casarios antigos e bem conservados. Apesar de não ser areiense, mas cidadã areiense, amo esta terra e tenho orgulho de conviver com a cultura e com o que aqui se viveu, pois a influência que a cultura local exerce sobre quem aqui permanece é abrangente e nos marca como uma verdadeira fonte de saber. Sinto falta de maior aproveitamento dos talentos de nossa juventude. Algo que lhe trouxesse melhor vida social e higiene mental sadia, própria para a sua geração. Participei de vários movimentos culturais, entre eles, o Coral Irmã Inviolata, regido pela maestra e compositora Sílvia Perazzo Barbosa, durante mais de dez

anos, com atuação em festivais de corais em diversas cidades, onde o mesmo se salientava em suas apresentações.

As festas populares da cidade de Areia, de acordo com a época, realizavam-se com muita organização e cooperação da sociedade areiense. Carnaval, Festa da Conceição, Natal e festas de Clubes eram todas muito animadas e participativas. Aqui em Areia um dos órgãos que se preocupam com a preservação do Patrimônio Histórico é o IPHAN, já que os outros órgãos como a Secretaria de Cultura e Secretaria de Turismo, deixam muito a desejar. Para preservar o patrimônio Cultural de Areia se faz necessário promover verdadeiros Festivais de Arte e incentivar os valores culturais existentes no município. Os poderes públicos pouco têm feito em relação ao Patrimônio Histórico de Areia – PB, apenas alguma atuação da Secretaria de Cultura. Pouco apoio é dado a projetos que se apresentam no intuito de valorizar a cultura.

É citada aqui a valorização da cidade em termos de cultura local, a entrevistada menciona as lembranças de movimentos culturais passados como o coral Irmã Inviolata. Mesmo não sendo natural de Areia, se sente areiense e tem orgulho de conviver com a cultura da cidade. Cita as festas populares, o carnaval, festa de padroeira, festas de clube com saudade. Refere-se ao IPHAN, como órgão responsável pela preservação do patrimônio e fala da necessidade de eventos que venham a incentivar os valores culturais e sente falta do apoio dos poderes públicos.

ENTREVISTA 3 - Rafaela Andrade da Silva, 22 anos, carteira, 3º grau incompleto.

Como cidadã como você vê a cidade de Areia?

Segundo a entrevistada a cidade assim como as outras vem se desenvolvendo aos poucos, mas vai se destacando como celeiro da cultura. Com relação aos políticos na maioria das vezes só beneficia as classes privilegiadas, deixando os menos favorecidos, ou seja, os pobres a “mesmice”. O que mais me incomoda é saber se estamos colocando a pessoa certa para lutar pelos nossos direitos, se votamos certo ou errado. O que presenciamos é muita conversa e pouco trabalho que faça com que nossa cidade possa crescer e se destacar entre as demais da Paraíba. Areia por ser o berço de grandes nomes, se destacando como terra da cultura ele enterra ou tenta esconder, na verdade não sei direito o que esses “novos” habitantes querem. Como cidadãos areienses é hora de correr atrás dos nossos objetivos e não nos dispormos diferentes dos outros que nada fazem, não cruzando os braços e lembramos que no

futuro bem próximo nossos filhos lá estarão. Ela ressalta “Políticos é hora de ajudar os novos talentos escondidos e lembrar que todos são iguais é merecem apoio”. Vejo Areia, como uma cidade literária, berço de grandes nomes, espírito de preservação, com um grande potencial, a cultura é seu grande capital, com agradável clima, e bastante fama. Areia se mantém viva por ter sido construída com grande amor, tendo se desenvolvendo ao longo do tempo por pessoas que abraçaram a cultura e dedicou sua vida no decorrer de todos esses anos.

Nos trechos destacados, observa-se uma referência a Areia como “celeiro da cultura”. Os políticos não participam dos projetos de preservação. Areia é berço de grandes nomes, os quais enriqueceram a cultura local. Valoriza a cidade em sua história e salienta que é importante preservar os bens culturais do município.

ENTREVISTA 4 - Maria do Socorro Martins Cavalcante, 42 anos, funcionária do Museu Pedro Américo, 2º grau completo.

Quais os trabalhos oferecidos na instituição para avaliar o desenvolvimento cultural dos areienses?

A casa onde nasceu o pintor imperial Pedro Américo de Figueiredo e Melo nasceu, no dia 29 de abril de 1843, onde ele deu os seus primeiros passos. Realizou os seus primeiros desenhos. Filho de família simples, mas com artistas descendentes, seu pai músico e violinista Daniel Eduardo de Figueiredo que repassou o papel de incentivo e prazer para seu filho crescer. E sua mãe Feliciano Cirne de Figueiredo que lhe tinha um grande apego e carinho por ser ele um filho tão dedicado e talentoso. O que nós temos a oferecer aos visitantes são os seus quadros, alguns pertences originais pincéis, palmatória, o crucifixo, a sua mala de viagem, livros originais que falam sobre a sua história, fotos oficiais dos seus parentes. A casa é original, nada foi modificado no seu interior e exterior. No ano de 1943, esta passou a ser chamado de Casa Museu Pedro Américo, onde se encontra os seus pertences, passando a ser aberta para os seus visitantes e pessoas que acompanham a grande história desse filho ilustre. O quadro original que se encontra na Casa Museu é o do Cristo Morto, óleo sobre tela, assinado e datado 1901. (Museu Casa Pedro Américo – PB). Ela passou a ser museu no dia 29 de abril de 1943. No quadro Batalha do Avaí ele fez o seu auto-retrato como se estivesse participando da batalha, O Grito do Ipiranga, tela em comemoração a Proclamação da independência encomendado ao pintor em 1886 pelo Governo do Estado de São Paulo. O

quadro “A Proclamação da Independência do Brasil” conhecido como “Grito do Ipiranga” foi entregue em 1888, após exposição em Florença. Todos os seus quadros estão espalhados na Itália, Rio de Janeiro e São Paulo, João Pessoa e Campina Grande. Ele faleceu a 7 de outubro de 1905, na cidade de Florença na Itália, a causa da sua morte foi tuberculose seu corpo foi embalsamado e seus despojos mortos foram primeiro para o Rio de Janeiro e depois para João Pessoa. Passando 36 anos na capital, vindo depois para a sua terra natal, quando o seu caixão foi aberto se encontrava todos os seus pertences, inclusive uma garrafa lacrada, e foi a partir daí que se pensou em colocar um museu com o seu nome. Esse foi um pedido dele o Horário de Almeida seu grande amigo que quando fosse sepultado seria na sua terra natal Areia- PB. As suas primeiras pinturas foi o seu auto-retrato, a espingarda e uma cadeira. E as suas últimas foram O quadro Paz e Concórdia, óleo sobre tela, assinado e datado 1902 (Museu Diplomático do Itamaraty – RJ).

A funcionária da Casa Pedro Américo dá ênfase aos feitos do pintor Pedro Américo. Nessa casa nasceu esse artista. Ela relata a história do pintor, fazendo o seu papel, sendo a única pessoa entrevistada que se referiu a Pedro Américo, notável areiense, símbolo de sua cultura. Dá destaque aos quadros famosos pintados pelo artista, bem como de seus pertences.

ENTREVISTA 5 - Ivonete de Castro Azevedo, brasileira, 58 anos, professora de 1º grau aposentada e atual Secretária de Educação.

Quais os projetos desenvolvidos pela prefeitura para o resgate da cultura Areiense?

A secretaria de educação da prefeitura tem projetos e parceria para o resgate da cultura local como o Ponto de Cultura (VIVA O MUSEU) que é a uma ação do Ministério da Cultura, concebido como uma rede horizontal de articulação, recepção e disseminação da cultura brasileira. O programa contempla iniciativas culturais desenvolvidas por instituições da sociedade civil, para agregar atores sociais, envolvendo a comunidade, somando experiências e trocando o conhecimento acumulado. O ponto de Cultura – VIVA O MUSEU, integra a quota do IPHAN de implantação de Pontos de Cultura em cidades de interesse histórico cultural, no nosso caso Areia. Como também o projeto de Recuperação e ampliação da Casa Pedro Américo. Contamos também com a parceria para a Realização da I Gincana Cultural de Areia. Não podemos deixar de incentivar os grupos culturais através da Lei Huanet. Estamos sempre à frente na realização do Evento Cultural CAMINHOS DO FRIO –

Rota cultural que é o mais novo roteiro da região, que acontece no período de 07 de julho a 20 de agosto de 2008, quando o inverno da região chega a uma temperatura de 12 graus. Essa rota Cultural compreende uma extensa programação cultural e turística integrada aos municípios de Alagoa Nova, Areia, Serraria, Bananeiras, Alagoa Grande e Pilões, em parceria com o SEBRAE e secretária de cultura do Estado da Paraíba. Contamos também com a Criação da Escola de Música de Areia com aulas de violão e teclado, vindo enriquecer ainda mais a cultura local da nossa cidade, dando oportunidade a comunidade carente de aprenderem um pouco da música. Não podemos deixar de informar a existência das oficinas de Arte que a secretária dá maior apoio na sua realização, surgindo dessa maneira os grandes artistas esquecidos na sua arte e pintura.

A Secretária de Educação se limita a relatar os projetos desenvolvidos pela secretaria para desenvolver a cultura local, entre eles, o Projeto Viva o Museu, o Evento Cultural Caminhos do Frio e a criação de uma Escola de Música. Não se refere em nenhum momento ao tombamento histórico e cultural da cidade, nem de preservação patrimonial.

ENTREVISTA 6 - Valdiney Vital Guedes, 44 anos, jornalista e secretário de turismo e eventos.

Como a secretaria do turismo trabalha em relação a valorização da cultura areiense?

Foi realizado um diagnóstico resultando em um planejamento para desenvolver ações compreendendo o ano de 2004 a 2010. Hoje é desenvolvido o ROTEIRO TURÍSTICO BREJO PARAIBANO – CAMINHOS dos ENGENHOS. Além de imergir no passado através dos engenhos existentes na região, o visitante ainda acompanham o processo produtivo da cana- de- açúcar que faz da cachaça paraibana uma das mais apreciadas no Nordeste e no Brasil. Fazendo com que o visitante que percorre os engenhos da região do Brejo conheça as belas paisagens dos canaviais e a história dos engenhos com sua arquitetura datada do século XIX. Bem como a ROTA CULTURAL – CAMINHOS DO FRIO, e o Festival de Música. A partir de 2009 pretendemos reativar o Festival Brasileiro da Cachaça e Rapadura. Também foram realizadas oficinas de Capacitação de diversas áreas de turismo cultural. Destacamos nos últimos quatro anos apresentação de orquestras Sinfônicas na cidade, o que nos proporciona incentivo para a música erudita. A secretária tem diversos planos principalmente na reativação do Balneário “O Quebra “que já se encontra desativado por alguns anos, sendo

que o mesmo foi construído por um dos ilustres filhos da Areia, Tristão Granjeiro. Outros projetos da secretaria são a conclusão do Espaço da Arte, e a continuidade do Festival de Música e da Cachaça e Rapadura. Um dos pontos turísticos mais visitados da cidade é o SOLAR JOSÉ RUFINO que, de acordo com o livro de registro mais de 1500 visitas são feitas por mês. Outro ponto bem visitado é o Engenho Triunfo, seguido pelo Teatro Minerva, entre outros.

O secretário do turismo fala de seus projetos para revitalizar a cultura areiense. Nessa entrevista foi dado destaque a questão dos engenhos existentes na região e da necessidade de que as pessoas conheçam as paisagens do canavial e a história desses engenhos, com sua arquitetura do século XIX. Busca um resgate de um dos pontos culturais famosos na cidade, como do balneário O Quebra e o Solar José Rufino, único casarão da cidade que abrigava uma senzala. O tombamento também não é citado pelo entrevistado.

ENTREVISTA 7 - Entrevistado: Francisco Tancredo Torres, 88 anos, historiador.

É com orgulho que falo sobre a cidade de Areia, que só me traz boas recordações. Areia encontra-se localizada na encosta oriental da serra da Borborema, 618 metros de altitude - característica principal possui um clima agradável nos meses mais frio, hoje com esse desmatamento e essas queimadas o clima está diferente, mas ainda é uma cidade boa de viver. Antes da conquista, o território era ocupado pelas tribos dos índios Bruxaxás e Tapuias catequizados pelos frades capuchinhos. Suas tabas localizavam em sítios chamados de Queimadas, Vaca Brava, Gitó, entre outros que no momento não recordo. Em meados do século XVIII, essa área era caminho de boiadeiros e camboeiros do sertão, com destino a Mamanguape e à Capital. Um colono de nome Pedro fixou-se no lugar que ficou conhecido como “Pouso do Bruxaxá”, posteriormente chamado de Brejo de Areia, nome devido ao riacho que ali existia, com margens constituídas de um vale arenoso e em terras do Saboeiro. Desde pequeno sempre tive curiosidade em ouvir histórias, na minha infância, sempre tive admiração por essas pessoas ilustres e cidadãos que se preocupam em preservar a memória da cidade não deixando que seus bens materiais e imateriais se percam com o tempo por representar grande orgulho para as pessoas que fazem a história da cidade, apesar dos seus valores terem ficados esquecidos por algum tempo. Devemos ter muito orgulho da nossa cidade e de cada monumento histórico que ela representa para o engrandecimento da nossa história. Eu sinto falta das festas do Rosário que era uma festa mais organizada e bem movimentada, existia um pavilhão muito bem organizado pela sociedade areiense aonde as

famílias vinham prestigiar a grande festa. Tudo era bem mais sadio do que hoje em dia, a noite de novena não é mais a mesma, os padres não celebram como antigamente até mesmo a Igreja está mudando com o seu discurso religioso, não sinto vontade de ir mais as celebrações fica em casa ouvindo do rádio e vendo as pessoas passarem. A cidade já não é mais a mesma não existe mais festas tradicionais como antigamente, sinto falta do Teatro Minerva, que apresentava grandes peças maravilhosas e também dos grandes recitais, hoje o teatro ainda está em funcionamento mais não é como antes, como também do cinema que era um meio da sociedade sair de casa e encontrar com os seus velhos amigos, além de assistir um bom filme que era o objetivo maior. Espero que com essas mudanças que estão acontecendo na cidade só venha enriquecer e preservar os nossos bens culturais e fortalecer ainda mais a riqueza dessa belíssima cidade que é Areia. Tudo era bem mais sadio do que hoje em dia, a noite de novena não é mais a mesma, os padres não celebram como antigamente até mesmo a Igreja está mudando com o seu discurso religioso, não sinto vontade de ir mais as celebrações fica em casa ouvindo do rádio e vendo as pessoas passarem.

Nas memórias desse historiador, há recordações do passado rico de Areia. Faz um breve levantamento histórico da cidade, de sua admiração pelas pessoas ilustres que engrandeceram o lugar. Fala com orgulho dos monumentos históricos da cidade e da necessidade de sua preservação. Recordar-se das festas tradicionais que eram a alegria do lugar, do famoso Teatro Minerva, motivo de orgulho de todos os areienses.

ENTREVISTA 8 - Maria Bento da Silva Gouveia, 67 anos, doméstica, ensino fundamental – 1ª fase.

Como cidadão, como à senhora vê a cidade de Areia?

A maior parte da minha infância foi na zona rural, no sitio fechado. Vim morar na cidade logo após o meu casamento, nessa época estava com 19 anos, nas ruas não existia calçamento e tinha pouquíssimas casas, sempre morei nessa mesma Rua Manoel da Silva que segundo os moradores antigos é em homenagem a um dos filhos de Areia, dizem que ele foi médico e que também teve grande participação na libertação dos escravos que antigamente se encontra nos engenhos da redondeza. O mercado público sempre existiu nessa rua, era pequeno era da administração do senhor Manoel de Azevedo Maia. No mandato seguinte foi ampliado, logo depois veio o Dr. Elson da Cunha lima. Por não existir calçamento nem muito

menos automóvel, as pessoas tinham que transportar as suas mercadorias em carros de bois. Hoje evoluiu bastante porque já existe bastante casas o comércio cresceu as donas de cana não sofrem tanto nas tarefas domésticas, temos água encanada, as ruas estão todas calçadas, temos iluminação elétrica, a cidade dispõe de vários colégios para os filhos de Areia estudar sem mais ter a preocupação de se deslocar para outras cidades vizinhas, temos a Universidade Federal que está aberta para todos os filhos da terra e das outras cidades que quiseram ter um futuro melhor. O que eu sinto falta é das festas populares, o carnaval que antigamente fazia gosto a gente ver os blocos desfilando, o São João, a festa da padroeira que era inesquecível, as novenas era que o mês inteiro, e a festa da Nossa Senhora da Conceição que acolhia bastante gente tanto da cidade como das outras regiões, as festas de Natal, com os pastoris e a do Ano Novo tudo era maravilhoso inesquecível. Areia tem tudo para voltar ao que era antes, espero com essas melhorias que estão acontecendo influencie bastante na sua cultura e que ela só venha crescer cada vez mais.

Segundo Santos (2004), a memória deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememoração, o que estará ligado à própria identidade. Nesse caso, a memória é estendida desde os tempos remotos de desenvolvimento da cidade, numa época em que não havia calçamento e tinha pouquíssimas casas. A entrevistada sempre morou na mesma rua e acompanhou toda a evolução do trecho em que vivia. Sente falta das festas populares, dos blocos carnavalescos, das danças. Gostaria de ver a cidade evoluindo em relação à cultura, pra que esta cresça.

ENTREVISTA 9 - Rita da Luz, costureira e bordadeira, 98 anos, aposentada, 1º grau incompleto.

Segundo a entrevistada, a cidade de Areia não era calçada, o cultivo predominante era o café e o cajueiro, sendo que o café abastecia toda a região, existiam muitos engenhos logo depois a cana de açúcar se destacou. Era tudo terraplanagem, muita poeira, as casas eram todas de biqueira. O calçamento foi na gestão do major Cunha Lima, feito na época por um português provavelmente no ano de 1942-1945. Em 1930, Jaime de Almeida prefeito da cidade foi quem fez as melhorias para a cidade. Nessa época não existia água encanada os moradores carregavam a mesma em lombos de animais, para abastecer as suas casas. Os animais circulavam livremente nas ruas da cidade, devido a falta de transporte (burros, galinhas) sendo mais comum na periferia. Quem não possuía animal carregava a água na

cabeça em potes de barro, era tudo muito simples e mais trabalhoso do que nos dias atuais que temos tudo nas mãos e não sabemos dar valor. A iluminação era a carbureto, tinha uma bomba que levava a energia às ruas, quem pagava a iluminação pública era o prefeito da cidade. Com o tempo veio uma empresa de luz localizada na Rua do Teatro. Primeiro a iluminação foi a lampiões e abrangia apenas partes centrais da cidade, depois nas localidades circunvizinhas. Logo depois veio a iluminação a motor, instalada por Cizenando Cunha Lima e era iluminando as ruas centrais a partir das 18h00min sendo determinado a apagar às 22h30min, todo mundo que estivesse nas ruas iria para as suas casas, era comum em todas as casas ter um candeeiro que era abastecido com gás para iluminar as suas residências. Aos domingos não tinha energia, era reservado para a manutenção dos motores. Havia uma pessoa responsável para acender os lampiões a azeite ou gás, lá na casa dela tinha dois bicos de luz (lâmpadas) o resto era candeeiro. Quando os anos terminavam em quatro como exemplos no ano de 1914 e 1944 o inverno era mais rigoroso, ou seja, eram mais pesadas, as chuvas eram constantes, antigamente chovia muito e fazia muito frio hoje em dia devido às queimadas e o desmatamento o clima esta mudada bem como a paisagem nas matas e nos engenhos já não existe mais aquele clima saudável e aquele ar puro que era comum nos respiramos. Quanto às festas populares era muito bom, o primeiro calçamento foi feito na Rua Santa Rita, ou seja, na Rua do Colégio Santa Rita. A festa de Nossa Senhora da Conceição e a do Ano Novo era na Rua do Teatro Minerva. Para realizar a festa os organizadores batiam o barro para baixar a poeira. O coreto era feito de pau, onde os músicos faziam a sua apresentação para a comunidade local, não podendo negar que havia discriminação de classes. O carrossel era empurrado a braços na praça de padre Marinho. Havia o clube dos capetas, localizado onde hoje é a Câmara Municipal de Areia, existia além desse vários outros clubes, como O Areense, o Espanador ,onde hoje é a residência de dona Maria Bento entre outros. Onde hoje é o Espaço da Arte era um comércio, pertencente ao Dr. Ercílio (médico), era um comércio muito rico. A casa onde resido pertenceu à mãe de José Américo de Almeida ,ele foi um homem de grande importância na história de Areia como também na Paraíba e no Brasil. Por se tratar de uma das figuras mais ilustre da nossa história local. Ela foi comprada em 1964, passando por várias reformas no seu interior, mas a sua fachada continua a mesma.

Reconstruir histórias de vida sejam elas nos aspectos pessoais, sociais, culturais ou profissionais, é uma forma de rever lembranças escondidas reveladoras de sentimentos que, ao serem expresso em palavras, conseguem fazer os fatos renascem. Nesse depoimento, há referências a cidade de Areia, antes e hoje, começando pela iluminação, depois fala das

festas populares, fato marcante na fala de quase todos os entrevistados, dos blocos carnavalescos, sobre o comércio, que era muito rico. Cita também a importância de um dos filhos ilustres da cidade, José Américo de Almeida, orgulhando-se do fato de que a casa onde mora atualmente pertenceu a mãe desse ilustre cidadão areiense. Não fala na cidade como patrimônio histórico, nem de sua preservação.

ENTREVISTA 10 - Josefa Maria Dias, 60 anos, doméstica, 1º grau completo.

Como cidadão como a senhora vê a cidade de Areia?

Antigamente não havia iluminação elétrica, a iluminação que chegava às ruas e nas casas era abastecida por um motor que era acesso das 18 horas e apagava às 10h30min. As ruas não tinham calçamento era tudo de barro batido, tinha muita poeira. No ano de 1946 o cultivo que estava no auge era o agave quem tivesse um bom terreno e com essa plantação vivia bem. Também não tinha água encanada tudo era muito difícil em relação à hoje em dia, quem podia construir os seus tanques e até mesmo cisternas para abastecer a casa, eram as pessoas de posse, ou seja, os senhores de engenhos e comerciantes essa água era armazenada das chuvas. Antigamente chovia com frequência, o inverno era mais rigoroso não é como hoje que o clima ta mudado, quem não tinha condições de armazenar a água tinha que pegar na zona rural essas águas eram trazidas para casa nos burros e bois, também vinham do Sitio Macaíba e do “Quebra”. Quando colocaram água encanada nas ruas foi uma festa só em saber que não tínhamos mais que pegar água dos riachos e nas fontes, essa melhoria veio para facilitar a vida de toda a comunidade do local, primeiro foi colocando charariz em quase todas as ruas daí as pessoas pegavam a água e abastecia as suas casas, com o tempo os próprios moradores começaram a encanar a sua própria água. Areia possui muitas riquezas naturais, entre elas a água que é uma fonte de vida. Temos diversas fontes de água natural uma na Várzea e outra em Quati, entre outras que não recordo. Pelos anos de 1956 veio a CHESF, essa empresa era de Recife, logo depois veio a Saelpa e hoje a Energisa. Antigamente tudo era muito diferente as pessoas não tinham medo de sair das suas casas, as festas eram bem mais organizadas, existia cinema que era uma atração muito boa, apesar de haver uma diferença entre as classes ricas e pobres, isto sempre existiu, assim como hoje ainda existe uns querendo ser mais do que os outros não era todo mundo que podia freqüentar, porque nem todo mundo tinha condições financeira. Apesar de tudo que aconteceu e das mudanças que estão

ocorrendo à cidade de Areia ainda é um bom lugar de si viver, espero que os meus filhos e netos alcancem o seu desenvolvimento.

A memória se apóia sobre o “passado vivido”. Aqui são feitas referências memoráveis da cidade “antigamente”, não havia iluminação, calçamento, água encanada. Há referências as belezas naturais do lugar, como as fontes naturais de água. As festas eram mais organizadas, fala sobre o cinema, hoje extinto, diz que havia distinção entre ricos e pobres e espera que as mudanças (talvez se referindo ao tombamento) melhorem a cultura da cidade.

ENTREVISTA: 11 - Luzia Freire Barbosa, 73 anos, professora aposentada e comerciante

Como cidadão como a senhora vê a cidade de Areia?

Antigamente não existia iluminação elétrica, a iluminação era puxada a motor, pelo proprietário Cizenato da Cunha Lima. A iluminação se estendia mais no centro como na Rua da Gameleira. Onde hoje é o Hospital, antigamente funcionava o matadouro público, era todo cercado por estacas rodeadas de arame como ainda não existia água encanada nem muito menos saneamento básico era tudo a céu aberto mesmo, não existia como hoje em dia a questão de higiene sanitária. As ruas ainda não eram calçadas. Na época o prefeito morava onde hoje funciona o Sistema Eduacional Areense. Na época eu morava na Rua da Gameleira, quando meu pai morreu eu e os meus irmãos fomos entregues a pessoas diferentes, estudei no Álvaro Machado, a diretora era dona Ezilda Milanez, no meu tempo de criança o comércio era forte, tinha sapataria, a feira era até as 16 horas. Nos anos de 1955 até 1960 veio a decadência o comércio acabou, quando queríamos comprar algo diferente tínhamos que ir para a cidade vizinha no caso Remigio. Casei com 14 anos e tive a minha primeira filha. Dos prefeitos que eu me lembro que entraram na administração o que fez alguma coisa pela cidade de Areia foi o Dr. Elson da Cunha Lima, ele trabalhou muito por Areia, ele fez muitos benefícios, entre eles: o mercado, a lavanderia, praças. Do que eu sinto falta na cidade é do Quebra , como na minha infância não tinha água encanada na cidade, meu pai levava a gente para tomar banho 3 vezes por semana pra mim era maravilhoso. O carnaval faz muita falta, o Sr Henrique Maurício era o chefe do Bloco Avante, que dividia as suas tarefas de marchante, com a paixão pelo carnaval. Nesse bloco, desfilavam seus amigos e adeptos durante os três dias de festa. As cores das suas fantasias eram verde e branco. O seu Artur era chefe do Bloco Espanador, um areense muito querido e respeitado por todos por sua simpatia, conduta moral. Seu Artur

comandava o seu bloco com muito entusiasmo levava a sério todos os detalhes para que o seu desfile saísse sem nenhuma falha. O estandarte e fantasias dessa representação tinham as cores amarela e preta. Outra importante atração do carnaval areense era a famosa tribo de índios do nosso grande mestre Santana, tendo como principal representante o índio “Pé de Bolo”, um crioulo muito animado, que apesar de realmente ter os pés de bolo, eram quem dançava melhor e o mais competente representante da tribo. Todo mundo ficava ansioso quando chegava o carnaval era uma das festas mais bem organizadas e animadas da cidade, os blocos queriam mostrar a sua fantasia e toda a sua alegria. O Ginásio foi construído em 1956. Antigamente na cidade existia uma Fábrica de Tecidos, (Fiação e tecelagem Arenópolis) vez por outra, também se fazia representar nos festivais carnavalescos da cidade, através de um bloco formado por seus funcionários e operários. A fábrica acolhia uma boa parte da comunidade, dando emprego e melhores condições de vida, chegando a sua falência em 1965. Sendo o seu proprietário o Sr Eutrágésio. Também sinto falta da Usina Santa Maria que dava muito emprego as pessoas, fazendo com que o comércio tivesse o seu grande apoio, nessa época quase todas as pessoas trabalhavam não ganhavam muito mais dava para ir sobrevivendo, não é como hoje em dia que a cidade não oferece emprego para os seus filhos, tendo os mesmos de irem buscar a sua sobrevivência em lugares diferentes. Na época existia o rádio amador a única casa quem possuía era a do Padre Ruy, que era o vigário atual, ele contava às notícias que estava acontecendo no momento para a comunidade. Quando comecei a trabalhar eu era sacoleira, depois consegui comprar uma charrete que era puxada por um lindo cavalo branco. No tempo do prefeito Sr Lívio Maia ele me deu um bloco no mercado público lá passei 10 anos vendendo de tudo, foi um tempo muito bom da minha vida, pois através desse trabalho consegui educador meus filhos além de ter uma renda certa conheciam muita gente da cidade. Também trabalhei como professora pelo Estado na época quem conseguiu o meu emprego foi padre Ruy, ele era um padre muito bom para a comunidade, construiu creches, escolas e contribuiu bastante na educação dos filhos de Areia. O cinema funcionava no Teatro Minerva, quem tomava conta era o Sr Rafael Freire, o prefeito era Jaime Almeida, tinha a parte dos pobres e a dos ricos e a legenda era ao contrário. Sinto falta dos clubes, O Areense, O Aliança (ricos). A Aliança funcionava na casa de Dona Dilza. Eu acho uma coisa boa o que esta acontecendo na cidade com esse tombamento, porque eles estão tentando fazer com que a cidade não perca a sua origem. O patrimônio histórico veio para enriquecer a cidade senão todos já tinham modificadas as suas casas acabando com as suas formas originais. O que mais me preocupa são os políticos que não fazem nenhum beneficio

para a cidade a maioria estão preocupados só com o seu cargo esquecendo que foram eleitos pelo povo para fazer algo em benefício da população.

A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras, (Thompson, 1992). Assim, é o que ocorre nessa entrevista em que são feitas referências ao passado da cidade, falando da iluminação em seu início, as ruas sem calçamento. O fato de que o comércio era “forte”, cita também o balneário O Quebra, os blocos carnavalescos. É a primeira entrevistada a citar a existência de uma fábrica de tecidos, que dava empregos a muitos moradores da cidade, fala do cinema, importante ponto de lazer. Reconhece o tombamento, a importância dos órgãos de preservação e do descaso dos políticos locais em relação a esse fato.

ENTREVISTA 12 - Benedita Pereira da Silva, 85 anos, doméstica, ensino fundamental, 1ª fase.

Como cidadão como a senhora vê a cidade de Areia?

Eu sempre morei nessa Rua Manoel da Silva desde pequena e já vi muita coisa nessa vida. Do que eu tenho lembrança é que não tinha iluminação, a luz era acessa por um motor que funcionavam todos os dias das 18 horas e apagava às 10h30min horas, as casas eram iluminadas por candeeiros e lamparinas na minha casa tinham duas lamparinas que a minha mãe tinha que colocar o gás quase todos os dias senão a gente ficava no escuro. Também não tinha água encanada às águas eram carregadas por lombos de animais dos sítios da redondeza. As ruas não eram calçadas era tudo de barro batido era tudo muito difícil eu sinto muita falta do cinema, carnaval, o São João, as festas da padroeira que era o mês inteiro dava gosto participar desses acontecimentos, tudo era bem diferente do que é hoje, sinto falta do carrossel, da ronda gigante, o pavilhão que era muito animado a juventude se divertia muito. Com essas mudanças que vem acontecendo eu não gostei dessa parte, porque não podemos construir nada, nem trocar as portas das nossas casas. A tão falada árvore da gameleira ficava onde hoje é o albergue dos velhinhos (Ezilda Milanez). Poucas lembranças eu tenho dessa cidade mais as que me resta eu guardo com maior orgulho. Os políticos não fazem nenhum benefício para a cidade até agora, espero que os políticos eleitos de agora em diante tragam algum benefício para o desenvolvimento de Areia.

Há uma citação sobre a cidade no tempo em que não tinha iluminação nem água encanada, fato comum na maioria das entrevistas. Recorda com saudade do cinema, festas juninas, festa da padroeira. Sabe que a cidade é histórica, mas não tem consciência da importância que esse fato denota em toda a história local, ou seja, não percebe o valor histórico e cultural da cidade se patrimônio histórico. Também é a única das entrevistadas que é contra o tombamento porque não pode modificar nada em sua casa. Porém, é a única também que se refere a árvore Gameleira, símbolo de uma das rua principais da cidade. Aponta que os políticos nada fazem para a melhoria da cidade, mas espera que um dia tudo melhore.

3.2 Análises das Entrevistas

Como afirma o historiador Thompson (1992), a história oral é construída em torno de observações e memórias de pessoas. Diante dos depoimentos recolhidos, percebemos várias nuances em relação à cidade de Areia, entre eles, o orgulho unânime de todas as pessoas em pertencerem a uma cidade destacada como “terra da cultura”, porém vê-se um desconhecimento efetivo do valor que isso acarreta em relação a importância desse título a nível regional e até nacional. As pessoas buscam a preservação, mas não fazem algo efetivo nesse sentido, apenas relembando que a cidade teve um passado glorioso. Vejamos alguns trechos mais marcantes:

“Particpei de vários movimentos culturais, entre eles, o coral Irmã Inviolata, regido pela maestra e compositora Sílvia Perazzo Barbosa durante mais de dez anos... As festas populares da cidade de Areia, de acordo com a época, realizavam-se com muita organização e cooperação da sociedade areiense. Carnaval, festa da Conceição, Natal e festas de clubes eram todas muito animadas e participativas”. (entrevista 2)

“É com orgulho que falo sobre a cidade de Areia, que só me traz boas recordações... Eu sinto falta das festas do Rosário que era uma festa mais organizada e bem movimentada, existia um pavilhão muito bem montado pela sociedade areiense, aonde as famílias vinham prestigiar a grande festa... sinto falta do Teatro Minerva, que apresentava grandes peças maravilhosas e também dos grandes recitais...” (entrevista 7)

“O que eu sinto falta é das festas populares, o carnaval que antigamente fazia gosto a gente ver os blocos desfilando, o São João, a festa da padroeira Nossa Senhora, que era inesquecível e acolhia gente tanto da cidade como de outras regiões e as novenas

de maio, que era o mês inteiro. As festas de Natal também eram bem animadas com os pastores e o Ano Novo, tudo era maravilhoso...” (entrevista 8)

“...A cidade de Areia não era calçada...existiam muitos engenhos e depois a cana-de-açúcar se destacou...Era tudo terraplanagem, as casas eram todas de biqueira...O calçamento foi construído, provavelmente, entre os anos 1942-1945...não existia água encanada, os moradores carregavam a água em lombos de animais...os animais circulavam livremente nas ruas da cidade...Quem não tinha animal carregava a água na cabeças em potes de barro...A iluminação era a carbureto e tinha uma bomba que levava a energia às ruas. A primeira iluminação foi à lampiões...depois veio a iluminação a motor...era comum em todas as casas ter um candeeiro que era abastecido com gás para iluminar suas residências...Quanto as festas populares, era muito bom...A festa de Nossa Senhora da Conceição e a do Ano Novo eram na rua do Teatro Minerva...O coreto da praça central era feito de pau, onde os músicos faziam sua apresentação... O carrossel era empurrado a braços na praça de Padre Marinho... (entrevista 9)

Segundo Rousso (historiador), a memória no sentido básico do termo é a presença do passado, o que se percebe nesse trecho:

“... Antigamente tudo era muito diferente, as pessoas não tinham medo de sair das suas casas, as festas eram bem organizadas, existia cinema que era uma atração muito boa, apesar de haver uma diferença entre as classes ricas e pobres, isso sempre existiu assim como hoje, ainda existe uns querendo ser mais que os outros, não era todo mundo que podia freqüentar, pois nem todo mundo tinha condições financeiras.” (entrevista 10)

“... no meu tempo de criança, o comércio era forte, tinha sapataria, a feira era até as 16 h... de 1955 a 1960 veio a decadência, o comércio acabou, quando queríamos comprar algo diferente tínhamos que ir para a cidade vizinha, no caso Remígio...o carnaval faz muita falta, o Sr. Henrique Maurício era o chefe do bloco Avante... o seu Artur era chefe do bloco Espanador... o estandarte e as fantasias dessa representação tinha as cores amarela e preta...Outra famosa atração do carnaval areiense era a famosa tribo de índios do mestre Santana, tendo como principal representante o índio Pé de Bolo, um crioulo muito animado, que Apesar de realmente ter os pés de bolo, era quem dançava melhor e o mais competente representante da tribo... Antigamente existia uma fábrica de tecidos, Fiação e Tecelagem Arenópolis, onde seus funcionários se faziam representar nos festivais carnavalescos... A fábrica acolhia uma boa parte da comunidade, dando emprego e melhores condições de vida a população, falindo em 1965... (entrevista 11)

A gameleira, árvore histórica da cidade, descrita poeticamente por Horácio de Almeida, em seu livro Brejo de Areia. Memórias de um Município...

“...Acima da beleza da cidade, dos recantos pitorescos que a circundam, da paisagem que sempre esteve a desafiar o pincel de um artista ou emoção de um poeta, acima dos espetáculos de luta, do material humano que deu vida ao passado, acima de tudo isso, erguia-se, de frente majestosa, a secular gameleira, a cuja sombra cantavam os trovadores e se inspiravam os poetas...”(ALMEIDA, 1980).

Também foi descrita, em sua simplicidade, por uma admiradora da cidade:

“... A tão falada árvore da Gameleira ficava onde hoje é o Albergue dos velhinhos Ezilda Milanez. Poucas lembranças eu tenho dessa cidade, mas as que me restam eu guardo com o maior orgulho...” (entrevista 12)

Observa-se nessas falas, a admiração pelo passado, um saudosismo detectado no relato de quase todos os entrevistados. Lembranças do passado glorioso e das suas festas tradicionais que era a alegria do lugar, bem como, da parte cultural que se perdeu com o tempo. Orgulho de pertencerem a uma terra tão rica de história. Orgulho de terem participado da evolução histórica e cultural da cidade. Fazem uma comparação nítida entre a Areia do passado e à do presente.

Na maioria das entrevistas, se percebe um resgate da memória, que como aponta (HALBWACHS, 2004, p. 76), as lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas, criando representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas.

Outro aspecto bem marcante se refere ao cinema, que primeiramente funcionava no Teatro Minerva e, segundo Coelho:

“... possuía uma característica especial, tinha duas classes: primeira e segunda, utilizando-se ambas, de uma mesma projeção. A primeira ocupava as dependências normais do teatro, com bancadas apropriadas, condizentes com o público usuário e a segunda classe era atrás da tela, onde não havia bancos confortáveis nem em quantidade suficiente, de forma que grande parte do público assistia aos filmes de pé, sem qualquer conforto... As imagens e o som, eram os que vazavam para a parte posterior da tela, chegando na segunda classe um pouco atrasadas, em relação a quem assistia na primeira, de maneira que as cenas engraçadas provocavam duas explosões de risos: uma imediata na primeira classe e a outra em frações de segundos atrasada na segunda, como uma espécie de eco...” (COELHO, 2001.p.23)

Essa divisão social existente no município, onde uns eram ricos e outros pobres, é muito bem retratada na entrevista 10, em que há um relato sobre a manutenção dessa diferenciação.

De modo geral o que se percebe no depoimento das entrevistas, independentes de nível escolar e profissão, uma preocupação em preservar o Patrimônio Histórico da cidade, resgatando através da memória, os tempos áureos, gloriosos, de seu passado, buscando alternativas de valorização de sua cultura. Apesar de saberem da existência dos órgãos que cuidam do patrimônio como: *AMAR*, *MONUMENTA*, *IPHAN*, eles não sabem como os mesmos atuam e qual a importância desses órgãos na preservação do patrimônio. Eles têm consciência que preservar é preciso, mas o próprio cidadão não percebe o significado desses órgãos para a nossa vida e história:

“Como cidadã vejo a cidade de Areia bastante histórica, isto é motivo de orgulho em saber que a cidade hoje é reconhecida nacionalmente como a terra da cultura. A cada ano que passa, Areia é visitada por turistas e artistas de várias localidades do Brasil, isto é muito importante para nós areienses.” (entrevista 1).

“... A cidade nos chama a atenção pelo colorido dos seus casarios antigos e bem conservados... amo essa terra e tenho orgulho de conviver com sua cultura e com o que aqui se viveu, pois a influência que a cultura local exerce quem aqui permanece é abrangente e nos marca como uma verdadeira fonte de saber... Aqui em Areia, um dos órgãos que se preocupam com a preservação do Patrimônio histórico é o IPHAN, já que os outros órgãos como a secretaria de Cultura e Secretaria de Turismo, deixam muito a desejar. Para preservar o Patrimônio cultural de Areia, se faz necessário promover verdadeiros festivais de arte e incentivar os valores culturais existentes no município.” (entrevista 2)

Nesse trecho, percebemos a valorização histórica e cultural da cidade, bem como, a importância de seus filhos ilustres que tanto enriqueceram a cultura local:

“Areia se destaca entre as demais cidades da Paraíba por ser o berço de grandes nomes e ser a terra da cultura... Vejo Areia como a cidade literária, berço de grandes nomes, espírito de preservação, com grande potencial, a cultura é seu grande capital, com agradável clima, e bastante fama. Areia se mantém viva por ter sido construída com grande amor, tendo se desenvolvida ao longo do tempo por pessoas que abraçaram a cultura e dedicaram sua vida no decorrer de todos esses anos.” (entrevista 3)

Um dos locais mais visitados pelos turistas é a Casa Pedro Américo. É através de uma das funcionárias do local que nos é revelado a trajetória desse notável artista:

“A casa onde nasceu o pintor imperial Pedro Américo de Figueiredo e Melo em 29 de abril de 1843... foi o local onde ele deu os seus primeiros passos... O que temos a oferecer aos visitantes são os seus quadros, alguns pertences originais... fotos oficiais de seus parentes. A casa é original, nunca foi reformada...em 1943, esta passou a ser chamada de Casa Museu Pedro Américo... O único quadro original que se encontra na Casa Museu é o do Cristo Morto, óleo sobre tela, assinado e datado em 1901...Outros quadros importantes que aqui estão são: A Batalha do Avaí, onde ele fez o seu autorretrato, O Grito do Ipiranga, tela em comemoração a proclamação da independência, O quadro, A Proclamação da Independência do Brasil, conhecido como O Grito do Ipiranga...Ele faleceu em 7 de outubro de 1905, em Florença, na Itália...” (entrevista 4)

Vale ressaltar que os entrevistados pouco conhecem a história das pessoas importantes que nasceram na cidade, entre eles, Pedro Américo apesar de ser historicamente reconhecido nacionalmente, em nenhum dos depoimentos, ele é citado, a não ser pela funcionária do Museu Casa Pedro Américo, ou seja, as pessoas não conhecem sua própria história, ou parte dela, citam nomes, mas não conhecem a importância de cada um na história local.

A denominação dada à cidade como patrimônio histórico é citada em alguns momentos, vejamos:

“... O patrimônio histórico veio para enriquecer a cidade, senão todos já tinham modificado as suas casas, acabando com suas formas originais...” (entrevista 11).

“... sempre tive admiração por essas pessoas ilustres e cidadãos que se preocupam em preservar a memória da cidade, não deixando que seus bens materiais e imateriais se percam com o tempo por representar grande orgulho para as pessoas que fazem a história da cidade, apesar dos seus valores terem ficado esquecidos por algum tempo...” (entrevista 7)

“Como cidadã, vejo a cidade de Areia bastante histórica e isto é motivo de orgulho em saber que cidade é hoje reconhecida nacionalmente como a terra da cultura...” (entrevista 1)

A cidade tem lugares interessantes que fazem com que as pessoas a procurem, mas apenas as pessoas que trabalham nos órgãos públicos evidenciam esses pontos turísticos, com exceção da entrevistada 1:

“... é uma cidade hospitaleira... clima agradável, cheia de pontos atrativos... A cada ano que passa, Areia é visitada por turistas e artistas de várias localidades do Brasil, isso é muito importante para nós areienses...” (entrevista 1)

“... Um dos pontos turísticos mais visitados da cidade é o Solar José Rufino... com mais de 1.500 visitas feitas por mês. Outro ponto bem visitado é o Engenho triunfo, seguido pelo teatro Minerva, entre outros.” (entrevista 6)

“ A secretaria tem diversos planos principalmente na reativação do balneário. O Quebra, que já se encontra desativado por alguns anos, sendo que o mesmo foi construído por um dos filhos ilustres de Areia, Tristão Grangeiro”. (entrevista 6)

Poucos entrevistados citam as pessoas importantes nascidas em Areia, mas sentem falta de apoio de órgãos oficiais de preservação, apesar de existir alguns deles na cidade:

“... O que presenciamos é muita conversa e pouco trabalho que faça com que nossa cidade possa crescer e se destacar entre as demais da Paraíba...” (entrevista 3)

“... José Américo de Almeida foi um homem de grande importância na história de Areia, como também na Paraíba e no Brasil... é uma das figuras mais ilustres da nossa história local...” (entrevista 9)

“... sempre morei nessa mesma Rua Manoel da Silva, que segundo os moradores antigos é em homenagem a um dos filhos de Areia... dizem que ele foi médico e que também teve grande participação na libertação dos escravos...” (entrevista 8)

“... Os poderes públicos pouco têm feito em relação ao patrimônio histórico de Areia, apenas alguma atuação da secretaria de Educação e pouco apoio é dado a projetos que se apresentam no intuito de valorizar a cultura.” (entrevista 2).

“... Os políticos não fazem nenhum benefício para a cidade até agora, espero que os políticos eleitos de agora em diante tragam algum benefício para o desenvolvimento de Areia.” (entrevista 12).

Apenas uma das entrevistadas não concorda em parte com o tombamento da cidade, não reconhecendo o valor histórico de uma cidade tombada como patrimônio histórico, ela argumenta que:

“... Com essas mudanças (tombamento) que vem acontecendo eu não gostei dessa parte, porque não podemos construir nada, nem trocar as portas das nossas casas...”
(entrevista 12)

No depoimento das pessoas responsáveis pelos órgãos oficiais (4, 5, 6), são citados de forma objetiva o papel de cada uma das instituições na atuação sobre o Patrimônio Histórico da cidade, cabendo a (entrevista 5) divulgar o *PROJETO VIVA O MUSEU* e o Evento Cultural *CAMINHOS DO FRIO* – Rota Cultural, mas não cita a questão de Areia ser considerada e tombada como Patrimônio Histórico Nacional nem da relação da prefeitura com o *IPHAN*.

O próprio secretário de turismo na (entrevista 6) fala de alguns projetos sem tão pouco se referir a questão da preservação do patrimônio areiense e nem aprofunda a questão da sua importância da cidade no cenário turístico nacional.

A entrevista sete, do historiador Tancredo, nos permite visualizar uma Areia cheia de glórias do passado, dos índios Bruxaxás, engenhos, paisagem natural belíssima, além das pessoas ilustres das festas religiosas, do Teatro Minerva e a constatação de que a cidade não é mais a mesma. Mas também não cita nenhum dos órgãos oficiais de preservação.

Vale salientar que essa entrevista, juntamente com a entrevista nove, foram realizadas com gravador e posteriormente transcritas para análise. Isso porque segundo (SCHRAIBER, 1995), o poder de registro e capacitação de elementos de comunicação são de extrema importância e aprimoram a compreensão da narrativa. Nas falas das pessoas vemos, nas lembranças dos mais velhos (entrevistas 2, 7, 8, 9, 11), nos monumentos históricos (entrevistas 4,6,7,9), nas ruas e praças da cidade (entrevistas 7,8,10), aspectos que não eles não esquecem. Areia é citada como espaço de referência da cultura paraibana (entrevistas 2,3,6) seus moradores têm a responsabilidade de preservar essa memória, de forma que as gerações futuras possam desfrutar, das belezas ali produzidas, terem orgulho de suas origens e de seu passado e o desejo de desenvolvê-las e fazê-las perdurar através dos tempos (entrevistas 7 e 8).

Nesse aspecto, é possível observar as formas de resistência e luta da população de Areia para manter as suas tradições culturais. Outro aspecto bem marcante nas festas da padroeira era a manutenção da divisão social existente no município, onde uns eram ricos e outros pobres e a festa se organizava de forma tal que essa divisão era conservada, como é percebida em algumas das falas.

Percebemos um esquecimento dessas lembranças no contexto da cidade hoje, em todos os aspectos: tanto na religião, como na dança, no carnaval, no São João, todos bastantes presentes na vida cultural de Areia até meados dos anos 70.

Enfim, a história registrada neste trabalho coloca a cidade de Areia como palco de muitas revoltas, de muitas derrotas e conquistas. Conhecê-las significa, antes de qualquer coisa, compreender a realidade atual, reconhecer a força de todos aqueles que a produziram, com suas virtudes e seus problemas.

Na história, de um modo geral, observamos que os homens são os produtores do mundo em que vivem e que, cada um dos areienses, é responsável pelo seu próprio mundo. É possível reconhecer, também, que nada se constrói sem muita luta e que a dinâmica da história é implacável; nada subsiste para sempre, tudo se transforma. Resta-nos incentivar a preservação da memória e do patrimônio cultural areiense, para que se consiga atingir um processo consciente de revitalização dos valores e bens culturais da cidade e possamos, cada vez, mais conhecer nossa própria história para termos consciência de seu valor, seja histórico ou cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O destaque dado a Areia desde seus primórdios, sempre foi marcante, principalmente na área cultural através da contribuição de seus cidadãos, tanto no aspecto popular, quanto a cultura erudita. As festas de Nossa Senhora da Conceição, os famosos carnavais, os corais, os inúmeros jornalistas, músicos, escritores e pintores ali nascidos fizeram dessa cidade um marco cultural da Paraíba, talvez o mais importante de todos, fato detectado no depoimento de quase todos os entrevistados.

Areia é reconhecida como um espaço de referência da cultura paraibana, tombada pelo IPHAED em 1979, além de reconhecida como patrimônio nacional do Conjunto Histórico Urbanístico e Paisagístico da Cidade de Areia em 11 de agosto de 2005 pelo IPHAN.

Conhecida como cidade histórica; pelos seus areenses ilustres citados anteriormente, como: Pedro Américo, José Américo, Horácio de Almeida, Joaquim da Silva, entre outros, que muito colaboraram no engrandecimento dessa cidade; pelo casario antigo; pelas belíssimas paisagens naturais; pelos seus engenhos; pelos monumentos antigos. Esses são alguns dos motivos que fizeram com que essa cidade fosse reconhecida nacionalmente como patrimônio histórico e assim, todos têm responsabilidade de preservar a memória areiense, de forma que as gerações futuras possam desfrutar das belezas ali produzidas, terem orgulho de suas origens e de seu passado e o desejo de desenvolvê-las e fazê-las perdurar através dos tempos. Porém, o que foi mostrado no decorrer do trabalho foi o desconhecimento de alguns areenses da história da cidade, bem como a importância dos filhos areenses que influenciaram, de certa forma, a cultura da cidade.

É possível constatar no decorrer desse estudo, a intenção de alguns grupos areenses para manter as suas tradições culturais. Num período em que a globalização envolve tudo e todos, em especial, devido à força do computador - via internet - vários grupos continuam vivos, resguardando a dança folclórica (como o grupo de dança Moenda e o grupo de teatro gameleira); as cantorias; a capoeira; a procissão da Padroeira, entre outras manifestações culturais típicas da cidade. Além dos festivais que muito contribuíram em fortalecer, resgatar e divulgar os aspectos culturais e sociais de uma cidade que sempre mereceu destaque.

Conhecer a cidade de Areia significa, antes de tudo, compreender a realidade atual, reconhecer a força de todos aqueles que a produziram com suas virtudes e seus problemas. E

isso se faz necessário num contexto em que a cidade está em evidência devido ao título de patrimônio histórico.

A história oral usada nesse trabalho mostrou o saudosismo percebido nas lembranças dos mais velhos, nos monumentos históricos, nas ruas antigas e praças da cidade, na recordação das festas tradicionais de padroeira, carnaval e danças típicas, aspectos esses, que não se pode esquecer.

Vale destacar também a constatação feita nos depoimentos, em relação ao descaso político da cultura areiense e a ausência de políticas públicas mais concretas que visem revitalizar o município no que ele tem de mais importante: a preservação da cultura local.

Esta bela cidade parece querer voltar ao passado com suas ruas e casarões centenários, onde os mais velhos ainda se postam as janelas para observar as mudanças que se operam; onde o primeiro Teatro da Paraíba, o Theatro Minerva, mesmo vazio, parece repleto de espectadores.

A cidade da cultura erudita, dos mestres da música, da literatura e da pintura que fizeram nome da Paraíba, no Brasil e até mesmo no exterior, a *Terra da Cultura* não pode deixar suas tradições morrerem, nem a memória de seus artistas anônimos e menos famosos se esvaírem no tempo. Não podemos esquecer a participação dos areenses em todos os movimentos cívicos e libertários do passado que já foram lembrados e enaltecidos.

A lembrança desse passado longínquo tornou-se imprescindível, pois é necessário que se cultive a memória dos gloriosos tempos, para que as novas gerações e os estudiosos de nossa história venham tomar conhecimento dos feitos e do valor dos nossos ilustres conterrâneos, servindo de exemplo e de incentivo ao surgimento de novos valores.

Areia tem o cheiro das tradições guardadas. Das coisas severas, dos móveis antigos, da Casa de Pedro Américo, do Sobrado José Rufino, o velho Teatro Minerva, da Igreja do Rosário, da Igreja da Conceição. Tudo aqui é tão antigo e tão vivo, quanto à eternidade. Restou à tradição das boas maneiras, o interesse pelas manifestações culturais e sociais da sociedade moderna.

Porém, apesar de tudo, a cidade de Areia, outrora considerada o “berço da cultura”, enfrenta uma crise em suas expressões culturais. E, hoje encontramos em Areia, tanto as pessoas que lembram e lamentam o desaparecimento dessas culturas, como também grupos

que buscam resistir à crise e às novas formas artísticas, como um grupo de teatro de Areia que ensaia no próprio Teatro Minerva e o grupo de danças folclóricas que já passou de pai para filho e continua a tradição, apresentando danças típicas como xaxado, xote, baião, camaleão, entre outras.

As atividades realizadas pelos órgãos competentes visam conciliar a preservação e a revitalização, no sentido de reativar a estrutura econômica-social da cidade. É evidente que as mesmas não constituem a última palavra em termos de conservação e reabilitação do Patrimônio Ambiental Urbano de Areia, nem tampouco representa a solução para os problemas que afligem a cidade, porém estabelece recomendações que objetivam se aproximar cada vez mais da intenção de conservação e conscientização do patrimônio do povo areense.

Para tanto, se torna essencial que os moradores realmente percebam o valor histórico de seu município, a força que o ambiente histórico, os monumentos seculares exercem sobre as pessoas que aqui visitam, as paisagens fascinantes que encantam os turistas, a beleza arquitetônica que engrandece a sua cidade, para que se tornem também agentes de preservação e disseminadores das riquezas de sua localidade e lutem efetivamente pela preservação de um lugar que todos tem orgulho e privilégio de morar.

É preciso ainda, que as autoridades que se preocupam com a cidade, juntamente com a população areense, tenham uma visão redobrada para a “Areia de Hoje”, tão carente em benefícios, cujas atitudes de preservação não devem mais ser adiadas, pois do contrário será tarde demais.

Em suma, Areia se mostrou um município cujo patrimônio apresenta importantes documentos de sua evolução histórico-cultural, belíssimos monumentos arquitetônicos, vários engenhos em funcionamento, grupos artístico-culturais, órgãos de preservação, além de um panorama turístico de extrema beleza, que necessitam ser resguardados e ter seu potencial de utilização social revigorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALBUQUERQUE, A. Areia, Seu Passado e Seu Presente. Cia Editora, 1975
- _____. O areiense Joaquim da Silva. A União. Cia. Editora, 1977.
- ALMEIDA, H. de. Brejo de Areia. João Pessoa: Editora Universitária. 2ª Ed. UFPB, 1980.
- ARANTES, A. A. O que é cultura popular.. São Paulo: 14ª Ed. Brasiliense, 2004.
- CAVALCANTI FILHO, I; MOURA, J. E. de. O Patrimônio Ambiental Urbano de Areia. João Pessoa: Idéia, 2003.
- CARVALHAL, J. P. Maurice Halbwachs e a questão da memória. In: Revista Espaço Acadêmico – Nº 56 – Janeiro/2006.
- CASTELLS, M. O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 5ª Ed. São Paulo: Paz e terra, 2002.
- COELHO, N. M. Na intimidade do Brejo de Areia. Editora: A União. 2001.
- CANCLINI, N. G. o patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. In: revista do patrimônio Histórico Artístico Nacional, 1994.
- FERREIRA, M. de M.; AMADO, Janáina (coord.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FERREIRA, R. M. Sociologia da Educação 1ª ed. Ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- FIÚZA, A. F.; GONÇALVES, R.C. et al. Uma História de Areia. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1998. GAUDÊNCIO, F. de S. J. da S.: Um empresário ilustrado do Império. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- _____. Quem precisa da identidade? In. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.

- _____. Da diáspora: Identidades e mediações . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LE GOFF, J. História e Memória. Campinas - SP: Editora. UNICAMP, 4ª Ed. 1996.
- LEMOS C. A. C. O que é patrimônio histórico. 2. ed. São Paulo: Brasiliense.Col. Primeiros Passos, Vol. 51, 2000.
- MACHADO, V. Tradição Oral e vida africana e afro-brasileira. In: Literatura afro-brasileira. Org. Souza, F. e Lima, M. N. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e roteiros. Anais, Bauru: SIPEQ, 2004.
- MARIN, M. F. et al. História com reflexão. 2ª ed. São Paulo. 2005.
- MEIHY, J. C. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola, 1996
- MIRANDA. N. F. de. Areia e seu Entorno. João Pessoa: A União, 2007.
- PEREIRA, J. de B. José Américo de Almeida: A saga de uma vida. Brasília: Instituto Nacional do Livro, Senado Federal, 1987
- POLLAK, M.. Memória, esquecimento e Silêncio. In. Estudos Históricos. São Paulo. Cpdoc. FGV. 1989.
- _____. Memória e identidade social. Estudos históricos. Rio de Janeiro: Vértice, V. 5, n. 10, 19
- PREFEITURA MUNICIPAL DE AREIA. Monumentos histórico-artístico-culturais. Tendência Comunicação, 2008.
- ROUSSO, H. “A memória não é mais o que era”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). Usos e abusos de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- SEBRAE, Roteiro Turístico do Brejo Paraibano. Caminhos dos Engenhos, 2008.
- SOBRINHO, R de O. Esboço de Monografia do Município de Areia. Coleção “Arquivos Paraibanos”. Imprensa oficial, João Pessoa: 1956.

Superintendência Regional do IPHAN - PB. Conjunto Histórico, Urbanístico e Paisagístico da Cidade de Areia, Patrimônio Nacional; 20ª SR. João Pessoa: 2007.

THOMPSON, P. Voz do Passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.